



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE LETRAS - TRADUÇÃO - INGLÊS

LAVINIA SANTOS CARDOSO

**“PODER, POÉTICA E LINGUAGEM”:
TRADUZINDO BARBARA GODARD**

**BRASÍLIA - DF
2023**

LAVINIA SANTOS CARDOSO

**“PODER, POÉTICA E LINGUAGEM”:
TRADUZINDO BARBARA GODARD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Tradução Inglês da Universidade de Brasília como quesito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras - Tradução Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos De Oliveira Harden

**BRASÍLIA - DF
2023**

LAVINIA SANTOS CARDOSO

**“PODER, POÉTICA E LINGUAGEM”:
TRADUZINDO BARBARA GODARD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Tradução Inglês da Universidade de Brasília como quesito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras - Tradução Inglês.

Brasília, 16 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alessandra Ramos De Oliveira Harden
(Orientadora)

Profa. Dra. María del Mar Paramos Cebey
(Examinadora)

Profa. Dra. Alessandra Matías Querido
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional ao longo da minha graduação. Obrigada por terem me proporcionado uma vida tão bonita e cheia de oportunidades.

Agradeço, também, a todos os colegas e professores que cruzaram o meu caminho e fizeram parte da minha formação.

Agradeço à minha orientadora, a professora Alessandra Harden, pela confiança e por não ter medido esforços para tornar este trabalho possível.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília por ter feito parte da minha jornada de aprendizado e descobertas.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma proposta de tradução, do inglês para o português, de um ensaio da autora canadense Barbara Godard. O ensaio, “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language”, foi publicado em 1985 e tem como temáticas a crítica literária feminista e a escrita feminina. O principal objetivo deste projeto é produzir uma tradução comentada. Esta investigação se baseou nas perspectivas dos estudos da tradução, como a tradução comentada (TORRES, 2017) e a tradução funcionalista (NORD, 2016). A tradução comentada aparece neste trabalho como uma forma de a tradutora refletir sobre a razão de suas escolhas. Por meio da abordagem funcionalista, foi elaborado um projeto de tradução que evidencia os fatores extratextuais e intratextuais, para a produção de um texto alvo com o foco em sua função. Além disso, a pesquisa sobre as temáticas do texto de Godard, como a tradução feminista e a crítica literária feminista, também contribuiu para a escrita da tradução. Como resultado, foram elaborados comentários sobre questões acerca da proposta de tradução, como as notas da tradutora, a intertextualidade e as escolhas de tradução em relação ao gênero gramatical, à construção de períodos e às expressões que se mostraram complexas.

Palavras-chave: Barbara Godard. Crítica literária feminista. Estudos da tradução. Tradução comentada. Tradução feminista. Tradução funcionalista.

ABSTRACT

This work aims to present a proposal for the translation, from English into Portuguese, of an essay by the Canadian author Barbara Godard. The essay, "Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language", was published in 1985 and focuses on feminist literary criticism and women's writing. This project's main objective is to make a commented translation. This research is based on the perspectives of translation studies, such as commented translation (TORRES, 2017) and functionalist translation (NORD, 2016). The commented translation appears in this project as a way for the translator to reflect on the reason for her choices. Through the functionalist approach, a translation project was elaborated considering the extratextual and intratextual factors for the production of a target text with a focus on its function. In addition, the research on themes in Godard's text, such as feminist translation and feminist literary criticism, also contributed to the writing of the translation. As a result, comments were made on issues regarding the translation proposal, such as the translator's notes, the intertextuality, and the translation choices in relation to grammatical gender, construction of sentences, and complex expressions.

Keywords: Barbara Godard. Feminist literary criticism. Translation studies. Commented translation. Feminist translation. Functionalist translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do processo de tradução.....	25
Figura 2 – Ilustrações de “New circles” e ”Spiralling out”	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Projeto de tradução com fatores extratextuais e intratextuais.....	26
Quadro 2 – Tradução de referência.....	30
Quadro 3 – Tradução de nota da autora.....	30
Quadro 4 – Tradução de “Sur Racine”.....	31
Quadro 5 – Referência de “Sur Racine”.....	31
Quadro 6 – Tradução de “Power Politics”.....	31
Quadro 7 – Referência de “Power Politics”.....	32
Quadro 8 – Tradução de citação.....	33
Quadro 9 – Nota da tradutora 1.....	33
Quadro 10 – Nota da tradutora 2.....	35
Quadro 11 – Nota da tradutora 3.....	35
Quadro 12 – Nota da tradutora 4.....	35
Quadro 13 – Nota da tradutora 5.....	36
Quadro 14 – Nota da tradutora 6.....	37
Quadro 15 – Nota da tradutora 7.....	37
Quadro 16 – Nota da tradutora 8.....	38
Quadro 17 – Nota da tradutora 9.....	38
Quadro 18 – Nota da tradutora 10.....	39
Quadro 19 – Tradução de “writers”.....	41
Quadro 20 – Tradução de “a poet”.....	42
Quadro 21 – Tradução de “the poets”.....	42
Quadro 22 – Tradução de “the reader”.....	42
Quadro 23 – Tradução de “readers”.....	43
Quadro 24 – Tradução de “friends”.....	43
Quadro 25 – Tradução de “the reader”.....	44
Quadro 26 – Tradução de “you”.....	44
Quadro 27 – Tradução de “you” 2.....	45
Quadro 28 – Tradução de “you” e “the reader”.....	46
Quadro 29 – Tradução de “the reader” 2.....	46
Quadro 30 – Tradução em caso de períodos longos.....	46
Quadro 31 – Tradução em caso de períodos longos 2.....	47

Quadro 32 – Tradução de “language”	48
Quadro 33 – Tradução de “icing on the cake”	48
Quadro 34 – Tradução de “truncated passive”	48
Quadro 35 – Tradução de “in an object-oriented way for naming”	49
Quadro 36 – Tradução de “self”	49
Quadro 37 – Tradução de “wilderness”	50
Quadro 38 – Tradução de “wilderness” 2	50
Quadro 39 – Tradução de “her phrase”	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOBRE A AUTORA E O TEXTO	13
2. 1 BARBARA GODARD	13
2. 2 TRADUÇÃO FEMINISTA	14
2. 3 CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA	18
2. 4 CARACTERÍSTICAS DO TEXTO	20
3 SOBRE A TRADUÇÃO	22
3. 1 TRADUÇÃO COMENTADA	22
3. 2 TRADUÇÃO FUNCIONALISTA	23
4 RELATÓRIO DA TRADUÇÃO	28
4. 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	28
4. 2 REFERÊNCIAS, NOTAS DA AUTORA E CITAÇÕES	30
4. 3 NOTAS DA TRADUTORA	34
4. 4 TÍTULOS	39
4. 5 GÊNERO GRAMATICAL	40
4. 6 CONSTRUÇÃO DE PERÍODOS	46
4. 7 OUTRAS PALAVRAS E EXPRESSÕES	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	57
ANEXO A - QUADRO DE PESQUISA	57
ANEXO B - TEXTO FONTE	64
ANEXO C - TRADUÇÃO	69
ANEXO D - TRADUÇÃO EM QUADRO BILÍNGUE	75

1 INTRODUÇÃO

A crítica literária feminista surgiu como uma intersecção entre os estudos de gênero e a teoria literária, paralelamente com o avanço do movimento feminista ao longo do século XX. O discurso feminista tem como um dos seus objetivos desafiar as relações de poder inerentes a uma sociedade patriarcal. Dessa forma, a crítica literária feminista desafia o cânone tradicional da literatura, composto principalmente por escritores homens, trazendo para o centro da análise literária o papel do gênero na autoria das obras, o gênero dos leitores e as questões relacionadas à função da mulher como leitora e escritora (BELLIN, 2011, p. 2).

A relação entre discurso e poder é um tema relevante para os estudos da linguagem e, conseqüentemente, é um assunto que se encontra no centro da crítica feminista. Esse é o caso da obra da crítica, tradutora, editora e acadêmica, Barbara Godard, quem marcou o cenário da literatura canadense como um dos principais nomes da teoria da tradução feminista. Godard em seu trabalho procura formas de “redesenhar o círculo” e trazer o foco para as autoras, as leitoras e as questões de gênero que permeiam a linguagem, a literatura e a tradução.

Apesar dos avanços dos movimentos feministas e dos estudos de gênero, ainda há uma falta de textos traduzidos acerca da crítica feminista, o que inclui a tradução feminista e a crítica literária feminista. Reconhecendo a importância de dar destaque ao trabalho de teóricas feministas que desafiam as visões tradicionais que cercam a linguagem e a tradução, este projeto tem como objetivo apresentar uma proposta de tradução do ensaio de Godard, “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language” (1985). O texto, do qual não foram encontradas traduções em outras línguas, discorre acerca de questões relacionadas à crítica literária feminista e à escrita de mulheres. Dessa forma, para o presente trabalho foram analisados os fatores que devem ser considerados na tradução de um ensaio científico de caráter feminista, como público alvo, intertextualidade e contexto da publicação.

Esta investigação tem como base e referencial teórico as perspectivas dos Estudos da tradução, como a tradução comentada e a tradução funcionalista. Por meio da tradução comentada, o/a tradutor/a tece comentários sobre a tradução, evidenciando suas escolhas e os fatores que as influenciaram (TORRES, 2017). Sendo assim, a abordagem funcionalista visa uma análise textual cujo objetivo é a elaboração de uma tradução que considera principalmente as funções dos textos

envolvidos no processo (NORD, 2016). Além disso, a pesquisa desenvolvida para o projeto sobre as temáticas relacionadas ao texto de Godard, como a tradução feminista e a crítica literária feminista, contribuiu para a elaboração da proposta.

Dessa forma, o principal objeto deste trabalho de conclusão de curso é a elaboração de uma tradução comentada, que se trata de um gênero acadêmico-literário que proporciona a reflexão e autoanálise do/a tradutor/a (TORRES, 2017, p. 15). Para atingir esse objetivo geral, foram seguidos os seguintes objetivos específicos: i) analisar as características do texto fonte; ii) elaborar um projeto de tradução funcionalista; iii) fazer um quadro com pesquisa sobre os nomes citados no texto fonte; iv) produzir uma tradução; v) elaborar comentários sobre a tradução.

Além da introdução, o trabalho foi dividido em mais quatro capítulos, sendo que o segundo capítulo é uma apresentação geral sobre a autora Barbara Godard, a tradução feminista, a crítica literária feminista e as características do texto como ensaio. O terceiro capítulo consiste na fundamentação teórica do projeto, apresentando as perspectivas da tradução comentada e da tradução funcionalista. Dessa forma, o quarto capítulo consiste no relatório de tradução, em que foram traçados os comentários sobre o processo tradutório, e o quinto apresenta as considerações finais. Por fim, é apresentado o quadro de pesquisa com os nomes citados no ensaio (Anexo A), além do texto fonte (Anexo B) e a sua tradução em texto corrido (Anexo C) e em um quadro bilíngue (Anexo D)¹.

¹ Os materiais referentes ao ensaio e sua respectiva tradução não estão aqui completos por questões de direitos autorais.

2 SOBRE A AUTORA E O TEXTO

O texto “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language”, da autora Barbara Godard, trata de temáticas relacionadas à teoria feminista. Para a elaboração deste trabalho, foi feita uma pesquisa sobre a autora e seus temas de interesse. Dessa forma, este capítulo se inicia com uma apresentação geral da autora e seu trabalho. Em seguida, são exploradas a história e as características da tradução feminista, uma das principais áreas de pesquisa de Godard, e da crítica literária feminista, o principal tema do texto traduzido para este projeto. Por fim, é feita uma análise das principais características do texto e como este se encaixa dentro do gênero ensaio.

2.1 BARBARA GODARD

Nascida em 1942, em Toronto, no Canadá, Barbara Godard foi uma crítica, tradutora, editora e acadêmica. Ela foi uma das principais autoridades em teoria literária no contexto canadense, incluindo suas especialidades em feminismo e estudos da tradução (BETTS, 2013). De acordo com Godard (1989), existe uma relação entre a tradução e o discurso feminista:

A tradução, em seus significados figurativos de transcodificação e transformação, é um tópos do discurso feminista, usado por escritoras para evocar a dificuldade de romper o silêncio e, assim, transmitir novas percepções sobre as experiências das mulheres e sua relação com a linguagem (p. 45, tradução nossa).²

Até seu falecimento em 2010, Godard ocupou a Cátedra Histórica Avie Bennett de Literatura Canadense (*Avie Bennett Historical Chair of Canadian Literature*), tendo sido professora nos departamentos de Inglês, Francês, Pensamento Social e Político, e Estudos das Mulheres na Universidade Iorque (*York University*) (BETTS, 2013). Ao longo da sua carreira acadêmica, ela publicou cerca de 200 artigos, além de livros e traduções. Entre seus trabalhos, encontram-se “Talking About Ourselves: The Literary Productions of Native Women of Canada” (1985), que discorre sobre a produção literária de escritoras indígenas no Canadá, e “Audrey Thomas and Her Works” (1989), que aborda a obra da autora feminista Audrey Thomas, além da publicação “Canadian Literature at the Crossroads of

² No original: “Translation, in its figurative meanings of transcoding and transformation, is a topos in feminist discourse used by women writers to evoke the difficulty of breaking out of silence in order to communicate new insights into women’s experiences and their relation to language” (p. 45).

Language and Culture” (2008), que reúne ensaios sobre a literatura canadense (BETTS, 2013).

Godard, ao lado de seus colegas em Iorque, participou de um trabalho pioneiro no ensino de teoria literária no Canadá. Ela foi aclamada por seus estudos comparativos das literaturas canadense e de Quebec e pelo seu trabalho no campo interdisciplinar dos Estudos Culturais Canadenses. Porém, de acordo com sua ex-aluna Eva C. Karpinski (2010, p. 1), as principais contribuições de Godard se encontram no campo do feminismo canadense e dos estudos das mulheres, com várias publicações que lidam com a produção cultural feminista, a escrita de mulheres, a teoria literária feminista e a tradução feminista.

Ao perceber a barreira que representava a falta de traduções de textos importantes do francês do Quebec para o inglês do Canadá (e vice-versa), Godard traduziu textos de autores franco-canadenses relevantes, como Nicole Brossard, Louky Bersianik, Antonine Maillet, France Théoret e Yolande Villemaire (BETTS, 2013). Para esse trabalho de tradução de autores inovadores e experimentais, ela teve que desenvolver novas abordagens pós-modernas de tradução, como a tradução feminista.

2. 2 TRADUÇÃO FEMINISTA

Internacionalmente, Godard é admirada por seu trabalho pioneiro nos estudos da tradução feminista, que seria “uma abordagem antitradicional, agressiva e criativa da tradução” (FLOTOW, 2021, p. 493). Os estudos da tradução feminista se desenvolveram em Quebec entre os anos 70 e 80, ao longo da segunda fase do feminismo. Essa abordagem surgiu como um método de tradução de textos de escritoras feministas quebequenses que traçaram críticas a uma linguagem de origem patriarcal e, assim, construíram textos experimentais evitando a linguagem convencional (FLOTOW, 2021, p. 495).

Porém, além das tradutoras canadenses, é importante ressaltar o trabalho de mulheres tradutoras em décadas e séculos anteriores que assumiram uma posição crítica diante de textos que propagavam ideias preconceituosas e conservadoras. Esse foi o caso de Giuseppa Eleonora Barbapiccola, que no século XVIII traduziu para o italiano a obra “Principia Philosophiae” e escreveu um prefácio defendendo mulheres cientistas e escritoras, e de Carmen de Burgos, que no início do século

XX, ao traduzir para o espanhol um texto de um neurologista austríaco que defendia a inferioridade das mulheres, introduziu no texto várias críticas às ideias misóginas do autor por meio de notas de rodapé, notas de tradução e um prefácio (COSTA e AMORIM, 2019, p. 1232).

No Brasil, merecem destaque tradutoras como Francisca Izidora Gonçalves da Rocha, que traduziu Lord Byron, Carolina von Koseritz, que traduziu Goethe e Dickens, e Josefina Álvares de Azevedo, que traduziu “A solidariedade feminina” de Eugénie Potonié Pierre, um texto importante para a história dos movimentos feministas brasileiros (COSTA e AMORIM, 2019, p. 1233). Porém, o trabalho de maior destaque foi o de Nísia Floresta, que, em 1832, traduziu para o português o que por muitos anos historiadores afirmaram ser a tradução francesa de “A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects”, da inglesa Mary Wollstonecraft. Nessa tradução, Nísia Floresta teria omitido passagens do texto fonte e incluído trechos de outros dois textos: “De l’égalité des deux sexes”, de François Poullain de La Berre, e “Woman Not Inferior to Man”, escrito sob o pseudônimo, Sophia (DÉPÊCHE, 2000, p. 167). Porém, é importante ressaltar que há estudos mais recentes que afirmam que o texto de Floresta, na verdade, não se trata de uma tradução livre da obra de Wollstonecraft, mas sim de uma tradução em português da tradução francesa do tratado “Woman Not Inferior to Man”, de Sophia (PALLARES-BURKE, 2020).

Esse ato tradutório de Nísia Floresta teve como resultado a escrita de um texto próprio em língua portuguesa em defesa do direito das mulheres. Ao discorrer sobre a forma como Floresta usou a tradução como meio de transmitir a ideologia feminista, Dépêche (2000) afirma: “A tradução, já em si crítica de texto, toma a forma de crítica do mundo dos homens e da afirmação da resistência das mulheres à sua hegemonia pela leitura e pela escrita” (p. 168-169).

O trabalho dessas tradutoras exemplifica o papel político do sujeito tradutor e a preocupação que tradutoras feministas teriam mais tarde em combater o foco no conceito de fidelidade na tradução. Dessa forma, a tradução feminista reconhece que o ato tradutório é influenciado por relações de poder e, conseqüentemente, assume o propósito “de repensar a hegemonia do masculino, seus pressupostos e valores, que se considera universal e portanto, paradigmática” (DÉPÊCHE, 2000, p. 163). As tradutoras feministas, então, passaram a criticar o discurso da tradução

baseada na fidelidade por propagar a ideia de um/a tradutor/a omissa e subserviente à autoria do texto fonte:

O que foi inicialmente o modelo "divino", forçando a humildade do fiel tradutor às palavras de seu deus criador, tornou-se em seguida, no mesmo espírito, o apagamento e a transparência dos tradutores a serviço de um autor, de um sujeito falante onipotente do "texto-fonte", transparente como águas claras" (DÉPÊCHE, 2000, p. 164).

Assim, pode-se entender que uma das finalidades da tradução feminista é "ser uma maneira de escrever-se em um projeto autorreflexivo, de registrar sua existência, sua identidade" (MALENA e TARIF, 2022, p. 52). De acordo com essa abordagem, a tradutora deixa de ser invisível e não hesita em colocar sua assinatura e fazer interferências no texto que está sendo traduzido.

Flotow (2021, p. 497-505) lista as três principais estratégias desse tipo de tradução: suplemento; prefácios e notas de rodapé; sequestro. O suplemento é uma interferência para questões intraduzíveis no texto ou diferenças entre as línguas, sendo que "a tradutora feminista é consciente de seu papel político como mediadora" (FLOTOW, 2021, p. 498). Esse tipo de interferência ocorre, por exemplo, quando tradutoras feministas transformam, no processo de tradução, críticas que no texto fonte se referiam à língua francesa em críticas à língua inglesa. Além disso, a autora afirma que as notas de rodapé e os prefácios são o espaço em que as tradutoras encontraram para refletir sobre seu trabalho e apontar diferentes opções de tradução e possíveis intertextos, enquanto o sequestro se refere à tendência das tradutoras feministas de "sequestrar" o texto para si, ou seja, elas se apropriam desse texto adequando-o às suas intenções políticas e ao público para quem essa tradução é destinada.

Em "Theorizing Feminist Discourse/Translation" (1989), Godard discorre sobre a relação entre a tradução e o discurso feminista. Dessa forma, a tradução se relaciona com o feminismo, por ser um processo que evoca a dificuldade enfrentada por escritoras de romper o silêncio para comunicar novas ideias sobre as experiências de mulheres e sua relação com a linguagem (GODARD, 1989, p. 45). O feminismo aparece na tradução para tirar o foco de um discurso patriarcal dominante (GODARD, 1989, p. 46). Por isso, é importante que o/a tradutor/a não seja visto/a como um agente invisível e que a tradução não seja percebida apenas

como um simples processo de equivalência. Sobre essa visão tradicional do processo tradutório, a autora escreve:

O tradutor é entendido como um servo, uma mão invisível que transforma mecanicamente as palavras de uma língua para outra. A tradução é considerada uma cópia e não um enunciado criativo. No século XX, essa teoria da tradução serviu para encorajar experimentos na tradução automática (GODARD, 1989, p. 47-48, tradução nossa).³

A tradução feminista aparece como uma maneira de a tradutora considerar também a importância do contexto para a tradução e entender esse processo como uma relação não apenas entre duas línguas, mas também entre dois sistemas de texto, o que então resulta no fim da fronteira tradicional estabelecida entre a obra e sua tradução (GODARD, 1989, p. 50). Além disso, a tradutora feminista não é modesta e transparece suas intervenções na tradução, *womanhandling* o texto, lidando com o texto enquanto considera seu papel como mulher e participante da criação de significados. De acordo com Godard (1989):

A tradutora feminista, afirmando sua diferença crítica e seu deleite em intermináveis releituras e reescritas, ostenta os indícios de sua manipulação do texto. A manipulação feminina do texto na tradução envolveria a substituição do tradutor modesto. Em seu lugar, estaria uma participante ativa na criação de sentido, que avança uma análise condicionada. A análise dela é uma provisoriedade contínua, consciente do processo, dando uma atenção autorreflexiva às práticas. A tradutora feminista ostenta imodestamente sua assinatura em itálico, em notas de rodapé e, até mesmo, em um prefácio (p. 50, tradução nossa).⁴

Portanto, a tradução feminista surgiu como um contraponto à visão tradicional da tradução, a qual enxerga o/a tradutor/a como um agente invisível e apolítico, responsável por um simples processo de busca de equivalências que ignora o contexto sócio-político do texto. Assim, Barbara Godard foi uma figura importante no trabalho pioneiro em estudos da tradução feminista, em concordância com seu

³ No original: "The translator is understood to be a servant, an invisible hand mechanically turning the words of one language into another. The translation is considered to be a copy and not a creative utterance. In the twentieth century, this theory of translation has served to encourage experiments in machine translation" (p. 47-48).

⁴ No original: "The feminist translator, affirming her critical difference, her delight in interminable re-reading and re-writing, flaunts the signs of her manipulation of the text. Womanhandling the text in translation would involve the replacement of the modest, self-effacing translator. Taking her place would be an active participant in the creation of meaning, who advances a conditional analysis. Hers is a continuing provisionality, aware of process, giving self-reflexive attention to practices. The feminist translator immodestly flaunts her signature in italics, in footnotes - even in a preface" (p. 50).

interesse por questões relacionadas aos estudos culturais feministas, incluindo a crítica literária sob essa perspectiva.

2. 3 CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

A escritora Virginia Woolf, um dos grandes nomes da literatura inglesa, é considerada a fundadora do que se tornaria a crítica literária feminista moderna (GOLDMAN, 2007, p. 66). A obra mais representativa dessa área de interesse da autora é “Um Teto Todo Seu”, publicada em 1929, que se trata de um ensaio baseado em dois artigos lidos por Woolf em palestras ministradas em Newnham College e Girton College, escolas para mulheres na Universidade de Cambridge. Nesse texto aclamado, a autora discorre sobre o tema “mulheres e ficção” e defende a sua tese: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p. 12).

O ensaio de Woolf foi publicado no contexto da primeira onda do feminismo, que ocorreu entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Marcado pelo movimento sufragista e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, nesse período ocorreram transformações na sociedade que abriram espaço para a escrita feminina (ZINANI, 2011, p. 411-412), com intelectuais mulheres, além de Woolf, publicando textos de crítica feminista. Um exemplo é o ensaio da escritora Charlotte Perkins Gilman, “The Man-Made World Or Our Androcentric Culture” (1911).

Porém, é importante apontar que as ondas do feminismo representam os ápices dos movimentos feministas ao longo da história ocidental, o que não significa que anteriormente mulheres não discordaram ou não se rebelaram contra a opressão patriarcal. Um exemplo disso é a luta de mulheres que pagaram com suas próprias vidas ao desafiarem os princípios da Inquisição da Igreja Católica (PINTO, 2010, p. 15).

Na primeira fase da crítica literária feminista, há uma ênfase no papel da mulher como leitora, seguindo uma vertente revisionista. A crítica, então, se direcionava principalmente à forma como os autores retrataram suas personagens mulheres, resultando em análises dos estereótipos femininos presentes na literatura produzida por homens (BELLIN, 2011, p. 2). O papel da leitora nesse contexto é importante, quando consideramos que por muito tempo mulheres não tiveram

acesso à educação, tendo sido privadas do ambiente acadêmico, e não desfrutaram da chance de expor seus pontos de vista sobre grandes obras da literatura, que numa sociedade patriarcal contavam majoritariamente com o ponto de vista masculino.

A segunda onda do feminismo, que compreende o período entre as décadas de 1960 e 1980, foi marcada pela influência da publicação de “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, em 1949. Na obra de dois volumes, Beauvoir discute a opressão masculina e como mulheres são percebidas como o Outro, em contraste com o masculino. Para isso, Beauvoir analisa a história, os mitos e a literatura, apontando como personagens femininas são retratadas nas obras de Henry de Montherlant, D. H. Lawrence, Paul Claudel, André Breton e Stendhal (BEAUVOIR, 1949). Outros trabalhos relevantes desse momento são “A Mística Feminina” da autora estadunidense Betty Friedan e “Sexual Politics” da também estadunidense Kate Millet (ZINANI, 2011, p. 412). Em “Sexual Politics”, Millet discute as relações de poder entre homens e mulheres, analisando a representação feminina na obra de D. H. Lawrence, Henry Miller, Norman Mailer e Jean Genet (BELLIN, 2011, p. 2).

Não obstante, em sua segunda fase, a crítica literária feminista passa a transferir seu foco para o papel da mulher como escritora, visando se concentrar nos estudos de obras escritas por mulheres. Dessa forma, houve um ressurgimento de interesse por obras de escritoras como, por exemplo, Emily Dickinson, Charlotte Perkins Gilman e as irmãs Brontë, que antes tiveram seus papéis como criadoras colocados à margem em uma sociedade patriarcal que apenas favorecia a escrita masculina (BELLIN, 2011, p. 5). Reconhecendo a tendência da primeira fase em ter como objeto a análise de estereótipos sexuais em obras escritas por homens, Elaine Showalter cunhou a ginocrítica, que tem como principal preocupação analisar as obras escritas por mulheres (BELLIN, 2011, p. 5).

Portanto, a crítica literária feminista tem o propósito de usar a perspectiva do gênero para estudar a literatura. Aqui, o conceito de gênero faz oposição ao determinismo biológico e marca a característica social das distinções que são feitas baseadas no sexo (SCOTT, 1989, p. 3). Dessa forma, a leitura feminista ou sob a perspectiva do gênero considera os gêneros dos autores e leitores, além do contexto social e político e como esse influenciou a sociedade no momento em que a obra analisada foi concebida. Além disso, a crítica literária feminista cumpre o importante papel de dar destaque às escritoras e resgatar aquelas que por algum motivo foram

esquecidas ou ignoradas pelo cânone literário. Sendo assim, a crítica literária feminista é o que direciona a argumentação do texto trabalhado no presente projeto final de tradução: “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language”, da autora canadense Barbara Godard.

2. 4 CARACTERÍSTICAS DO TEXTO

“Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language” é um ensaio escrito por Barbara Godard, publicado em 1985 na revista “Feminism Now: Theory and Practice”, que tem 17 páginas, totalizando 40 laudas. Nessa publicação que abarca questões sobre a crítica literária feminista e a escrita de mulheres, Barbara Godard reflete sobre as relações entre poder, poética e linguagem, tentando encontrar formas de “redesenhar o círculo”, o qual é dominado por escritores homens que usam a linguagem como ferramenta de poder, para que mais escritoras tenham notoriedade e espaço para terem suas obras lidas e analisadas.

Podemos dividir o ensaio em seis partes, sendo que a primeira conta com uma introdução ao tema. Nesse momento, Godard apresenta o papel da crítica feminista de fazer um contraponto às instituições tradicionais que primam pela linguagem em que prevalece a soberania masculina, colocando as narrativas escritas por homens como o foco. Nessa parte, há citações de autores como Roland Barthes, Margaret Atwood, Sheila Rowbotham etc. A seguir, Godard propõe três formas de redesenhar o círculo: *dislodging the centre*; *new circles*; *spiralling out*.

Na segunda parte, que recebe o título de “Dislodging the centre” (“Deslocamento do centro”), Godard discorre sobre como feministas encontram formas de subverter a hierarquia, reconhecendo a dominação masculina e achando maneiras de se distanciar dela. Na terceira, com o título “New circles” (“Novos círculos”), há uma reflexão sobre a possibilidade da descentralização por meio da criação de novos círculos que fazem uma inversão. A quarta parte, cujo título é “Spiralling out” (“Espiral”), sugere o rompimento do círculo, o qual forma uma espiral e gera como resultado um novo conceito de sujeito. A quinta se trata do “Epílogo”, em que Godard discorre sobre as visões que permearam a construção do ensaio, e a sexta se refere às notas e referências no final da publicação.

No texto, é possível ver a preocupação de Godard por questões relacionadas à escrita feminina e à teoria literária feminista, temas que aparecem em outras de

suas publicações. Também, é perceptível a influência da linguagem filosófica na forma como a autora constrói seu texto, além de sua argumentação se apoiar em muitas referências e notas.

Como já foi mencionado anteriormente, o texto de Godard é caracterizado como um ensaio, um gênero que pode ser difícil de definir devido ao seu grau de subjetividade. No entanto, de acordo com Paviani (2010, p. 4), podemos enumerar algumas características desse gênero, assim, o ensaio: trata-se de um estudo reflexivo e investigativo; segue um padrão formal; pode ser literário, científico e filosófico; apesar do estilo livre, apresenta uma exposição lógica do tema; tem um rigor em sua argumentação; não rejeita completamente a subjetividade do autor; apresenta maior liberdade de expressão em relação a outros gêneros; requer da pessoa que escreve informação cultural e maturidade intelectual.

Portanto, o ensaio, diferente de outros tipos de texto científico, tem um estilo livre, mas, simultaneamente, apresenta um rigor e uma racionalidade em sua argumentação. Não contando com uma natureza dogmática, ele media ideias e pontos de vista, mas também não necessariamente chega a uma ideia acabada ou a uma conclusão definitiva. De acordo com Paviani (2010):

O ensaio, ao contrário do tratado e do artigo científico, desenvolve os argumentos ensaisticamente, isto é, experimentando, questionando, refletindo, criticando o próprio objeto de estudo. É um gênero textual essencialmente crítico e interpretativo. Esquiva-se da descrição e da explicação para eliminar qualquer traço de ingenuidade e de doutrina. Sua função é mostrar as mediações. Embora seu parentesco com a retórica, nada nele é sofisticado no sentido da pura persuasão, pois, o ensaio cultiva o novo, aquilo que não é comum e tradicional (p. 5).

Por conseguinte, o texto de Godard escolhido para o projeto final pode ser definido como um ensaio. Apesar de contar com várias notas e referências, o texto tem um caráter muito mais reflexivo devido à sua natureza filosófica e sua relação com a crítica literária. A autora nunca chega a uma conclusão acabada, mas sim propõe uma mediação entre diferentes ideias sobre uma mesma questão e tema, enquanto mantém uma racionalidade e um rigor em sua argumentação.

3 SOBRE A TRADUÇÃO

Este projeto de tradução foi norteado por duas perspectivas dos estudos tradutórios: a tradução comentada e a tradução funcionalista. Neste capítulo, são abordados os princípios dessas abordagens, transparecendo a forma como guiaram o projeto. A tradução comentada, que se baseia no ato de o/a tradutor/a fazer comentários sobre seu trabalho, orientou o relatório de tradução. Sendo assim, por meio da abordagem funcionalista, foi feita uma análise textual seguindo o modelo de Nord (2016) para a formulação de um projeto de tradução.

3.1 TRADUÇÃO COMENTADA

A tradução comentada é uma perspectiva dos estudos tradutórios que é extensamente trabalhada de forma didática ao longo da graduação em tradução, pois tem como proposta estimular o/a tradutor/a a pensar sobre o seu trabalho e refletir sobre suas escolhas. Essa abordagem “trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário” (TORRES, 2017, p. 15).

O papel do comentário é essencial para a tradução comentada, já que “o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores” (TORRES, 2017, p. 15). Desse modo, o comentário contribui para o entendimento da tradução e os fatores que a influenciaram. A relação entre comentário e tradução se torna ainda mais intrínseca quando consideramos que “o comentário também pode ser visto como uma modalidade de tradução, uma vez que ele traduz a própria tradução” (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 337).

Assim como o comentário pode contribuir para a interpretação de uma tradução, a ação de traduzir exige que o/a tradutor/a em sua primeira leitura do texto fonte interprete-o antes de traduzi-lo, contribuindo para a existência de “uma relação intrínseca entre leitura, comentário e tradução” (TORRES, 2017, p. 17). Como a própria tradução, o comentário, que pode ser implícito ou explícito, é crítico e influenciado por ideologias e teorias políticas, sociais e literárias. Desse modo, cada comentário é único, assim como cada leitura é única, já que o comentário depende da leitura e existem várias leituras possíveis, conseqüentemente, resultando em uma

variedade de comentários possíveis (TORRES, 2017, p. 17). Como ocorre com os processos de leitura e tradução, o/a tradutor/a em seu processo de comentar seu texto traz consigo suas diversas vivências e conhecimentos que influenciaram seu trabalho.

Para definir a tradução comentada como um gênero acadêmico-literário, Torres (2017, p. 18) elenca algumas características. Entre elas, está o caráter autoral, sendo que a tradução e o comentário têm o mesmo autor, e o caráter metatextual, sendo que o objeto do comentário, a tradução, está dentro do corpo textual. A autora também define a tradução comentada como um gênero discursivo-crítico, já que a sua finalidade é apresentar o processo, as escolhas e as estratégias do/a tradutor/a, além de definir a tradução comentada como um gênero descritivo, pois o comentário parte de uma tradução existente, influenciado por tendências tradutórias e valores ideológicos que tiveram impacto nas decisões de tradução. Por fim, a autora ressalta o caráter histórico-crítico desse gênero, pois todo comentário parte de uma prática de tradução e, conseqüentemente, contribui e reflete sobre a história da tradução e da crítica de tradução.

Além disso, é importante apontar que a tradução comentada pode aparecer ao longo do texto traduzido por meio de notas de tradução ou comentários, mas pode estar aliada à pesquisa em tradução, como é o caso deste projeto final, que tem como um de seus objetivos elaborar comentários sobre uma tradução. Assim, no relato sobre a tradução, foram feitos comentários sobre aspectos como intertextualidade, notas de tradução, expressões complexas e a questão do gênero gramatical, sendo que esse relato teve como base a abordagem funcionalista do ato tradutório.

3. 2 TRADUÇÃO FUNCIONALISTA

A tradução funcionalista é uma abordagem que considera os agentes, as funções e os contextos comunicacionais e culturais envolvidos no processo de tradução. Dessa forma, por meio da abordagem funcionalista, o/a tradutor/a procura determinar a função do texto fonte dentro da cultura fonte, para assim compará-la à função do texto alvo na cultura alvo e então decidir quais estratégias adotará na tradução (NORD, 2016). Com o propósito de facilitar a identificação dos elementos

que devem ser considerados na ação tradutória, Nord (2016) propõe um modelo funcionalista de análise textual para a tradução.

De acordo com o modelo de Nord (2016), podemos enumerar os fatores essenciais do processo de tradução na seguinte ordem: 1) produtor do texto fonte; 2) emissor do texto fonte; 3) texto fonte; 4) receptor do texto fonte; 5) iniciador; 6) tradutor; 7) texto alvo; 8) receptor do texto alvo. A partir da identificação desses elementos, o/a tradutor/a adotará estratégias e decidirá os aspectos que serão preservados ou adaptados na tradução.

O processo de tradução se inicia por um "iniciador", que pode ser um cliente que aborda um/a tradutor/a porque precisa de um determinado texto alvo para um destinatário ou receptor específico, além de poder ser alguém que deseja compreender um texto escrito na língua fonte ou transmitido por um emissor da língua fonte sob as condições particulares da sua própria cultura (NORD, 2016, p. 22). Considerando isso, é importante ressaltar que o emissor é o responsável por transmitir o texto, enquanto o produtor do texto é quem o produz (NORD, 2016, p. 23).

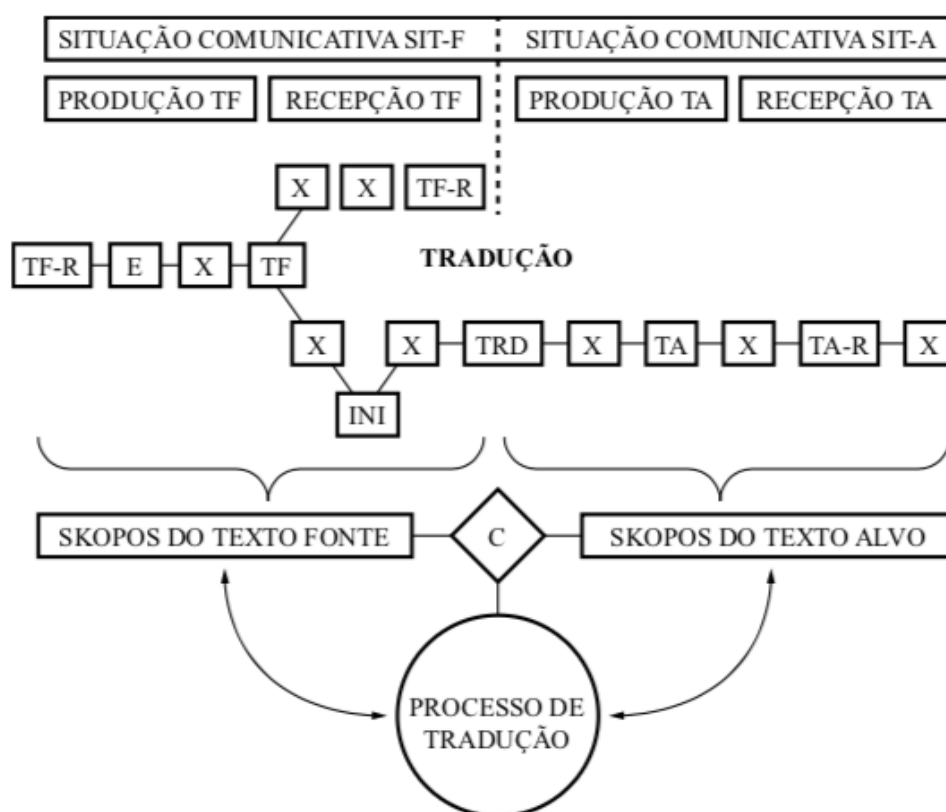
De acordo com a autora: "Para entender se o texto é adequado para a nova situação da cultura alvo, o tradutor tem que considerar os fatores e componentes da situação original" (NORD, 2016, p. 26). Os textos são primeiramente produzidos para cumprir certos propósitos comunicativos para um determinado público da sua língua, dentro de sua própria cultura. Por isso, os receptores do texto fonte são um fator importante a ser considerado no processo de tradução, já que os traços linguísticos e estilísticos do texto fonte podem ter sido escolhidos conforme o que o produtor do texto pensa que os receptores do texto fonte esperam. Assim, procurar "imitar" os efeitos da recepção do texto fonte pode ser parte do esquema de tradução (NORD, 2016, p. 24).

Além disso, Nord (2016) postula: "Estando os signos comunicativos vinculados à cultura, tanto o texto fonte como o texto alvo são determinados pela situação comunicativa na qual estão inseridos para transmitir uma mensagem" (p. 26). Assim, é importante considerar o contexto e os objetivos não só do texto fonte, mas também do texto alvo, sendo feita a distinção entre a situação da produção do texto e a da recepção do texto. Isso é relevante, pois, na tradução dos textos escritos, o emissor do texto fonte e os receptores do texto fonte e alvo estão separados no tempo e no espaço e a comunicação entre eles pode não permitir

retorno imediato (NORD, 2016, p. 25, 26). O/a tradutor/a também precisa considerar que as traduções escritas podem ser aplicadas a situações diferentes da situação do texto fonte, o que conseqüentemente pode alterar suas funções (NORD, 2016, p. 26).

A perspectiva de Nord se baseia na teoria do *skopos* de Hans J. Vermeer, que buscou preencher a lacuna entre a teoria e a prática da tradução. De acordo com essa teoria, a tradução é uma transferência de signos comunicativos entre duas línguas, os quais estão inseridos dentro de uma situação particular influenciada pelo sistema cultural em que está inserida (NORD, 1997, p. 11). Segundo Vermeer, a tradução não é apenas uma transferência entre línguas, já que é preciso considerar os aspectos comunicacionais e culturais envolvidos nesse processo. Assim, a teoria do *skopos* de Vermeer propõe que a tradução seja guiada pelo seu propósito, o qual é determinado pela função que o texto alvo procura desempenhar (NORD, 2016, p. 53-54). Dessa forma, a representação do processo de tradução funcionalista pode ser analisado a seguir:

Figura 1: Representação do processo de tradução



De acordo com a abordagem funcionalista, Nord (2016) propõe a identificação dos fatores do texto em duas etapas, antes do processo de tradução. Dessa forma, o/a tradutor/a realiza a análise dos fatores extratextuais e intratextuais, por meio da qual irá decidir quais elementos são relevantes para a tradução e podem ser mantidos ou adaptados no texto alvo de acordo com sua função (NORD, 2016, p. 70).

Seguindo o modelo de Nord, foi feito um quadro com os fatores extratextuais e intratextuais do texto fonte e do texto alvo deste projeto final, o qual pode ser observado a seguir:

Quadro 1 – Projeto de tradução com fatores extratextuais e intratextuais

Fatores Extratextuais		
	Texto Fonte	Texto Alvo
Emissor	Barbara Godard	Lavinia Santos Cardoso
Intenção	Discutir sobre questões acerca da crítica literária feminista e a escrita de mulheres.	Produzir uma tradução do texto para possibilitar que falantes de português do Brasil tenham acesso à obra de Barbara Godard.
Receptor	Estudantes, pesquisadores, professores e leitores interessados em crítica literária feminista e no trabalho de Barbara Godard.	Estudantes, pesquisadores, professores e leitores interessados em crítica literária feminista e no trabalho de Barbara Godard.
Meio	Revista “Feminism Now: Theory and Practice”	Projeto Final de Tradução, Universidade de Brasília
Lugar	Montreal, Canadá	Brasília, Brasil
Tempo	1985	2023
Motivo	Refletir sobre as relações entre poder, poética e linguagem, procurando encontrar formas de	Propor uma tradução com o objetivo de gerar uma discussão sobre crítica literária feminista e, dessa

	redesenhar o círculo dominado por escritores homens.	forma, elaborar os comentários sobre a tradução que compõem o presente Projeto Final de Tradução.
Função textual	Função referencial, metalinguística, expressiva e conativa (ensaio).	Função referencial, metalinguística, expressiva e conativa (ensaio).
Fatores Intratextuais		
	Texto Fonte	Texto Alvo
Assunto	Crítica literária feminista	Crítica literária feminista
Conteúdo	Questões acerca da crítica literária feminista e a escrita de mulheres.	Questões acerca da crítica literária feminista e a escrita de mulheres.
Estruturação	Ensaio	Ensaio
Léxico	Linguagem formal, com conteúdo crítico e filosófico.	Linguagem formal, com conteúdo crítico e filosófico.
Sintaxe	Elaborada	Elaborada
Efeito do texto	Reflexão sobre a escrita de mulheres e sua posição no cânone literário.	Reflexão sobre a escrita de mulheres e sua posição no cânone literário.

Fonte: NORD (2016, p. 252-253)

O levantamento e a análise dessas informações foram essenciais para guiar o trabalho de tradução, conforme as abordagens da tradução comentada e da tradução funcionalista, já que as escolhas tradutórias são influenciadas por fatores como público alvo, ano, contexto, estrutura e efeito do texto. Assim, essa influência pode ser vista nos comentários sobre a tradução que foram produzidos neste projeto final e que ajudam a esclarecer as escolhas feitas pela tradutora.

4 RELATÓRIO DA TRADUÇÃO

Este capítulo visa apresentar o relatório da tradução, em que a tradutora relata e aponta aspectos que se destacaram ao longo do processo tradutório. Dessa forma, o capítulo está dividido em sete partes, que tratam respectivamente das seguintes questões acerca da proposta de tradução: considerações iniciais sobre a tradução; referências, notas da autora e citações; notas da tradutora; títulos; gênero gramatical; construção de períodos; outras palavras e expressões.

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo de tradução do texto “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language” de Barbara Godard (Anexo B), para a elaboração do projeto final, iniciou com a tradução de três laudas do texto, sem muitos critérios. Por meio dessa primeira etapa, foi possível ter um contato inicial com o estilo da autora e os desafios que poderiam ser encontrados ao longo do processo. Algumas das questões encontradas foram a necessidade de adaptar a estrutura do ensaio em inglês para um formato que seria facilmente entendido pelos leitores em português e a abundância de referências e notas da autora. Além disso, o texto conta com uma linguagem que pode ser considerada bastante elaborada e complexa, com períodos longos e uma forte influência da linguagem filosófica. Essas questões iniciais foram confirmadas após ser feita a tradução do resto do texto, também de forma pouco criteriosa, que despertou os temas que deveriam ser tratados neste projeto e mereciam mais atenção na tradução final e na revisão.

Dessa forma, foi feita uma extensa pesquisa sobre o trabalho de Barbara Godard e as temáticas da sua obra, como a tradução feminista e a crítica literária feminista. A perspectiva da tradução feminista, de certa forma, foi essencial como guia para a tradução final do texto, já que essa abordagem destaca o papel político e atuante da tradutora feminista, a qual não hesita em transparecer suas intervenções no texto, podendo, inclusive, expôr seu ponto de vista por meio de notas de rodapé. Além disso, o estudo mais aprofundado sobre a crítica literária feminista foi também importante para a compreensão dos argumentos presentes no texto e o conhecimento de alguns autores e obras citadas ao longo da escrita de Godard.

A tradução comentada e a tradução funcionalista foram as abordagens dos estudos de tradução adotadas para servir como a base deste projeto. A melhor compreensão do que se trata a tradução comentada ajudou a esclarecer quais aspectos seriam interessantes para ser mencionados no relato de tradução, que incluem o processo, as estratégias e as escolhas tradutórias, e como esses fatores são influenciados pelo contexto de tradução e as vivências do/a tradutor/a. Dessa forma, o estudo sobre a tradução funcionalista contribuiu para a criação de um projeto, que visou a elaboração de uma tradução final pautada pelo seu propósito e função. A elaboração de um quadro com fatores extratextuais e intratextuais, conforme a abordagem funcionalista, contribuiu para a análise dos aspectos a serem considerados na tradução e a definir o público e o contexto do texto alvo, além do entendimento de qual seria sua função. Precisar a função textual foi desafiador, pois como gênero, o ensaio de Godard cumpre mais de uma função, como a referencial, ao informar sobre um tema, e a metalinguística, ao discutir sobre a linguagem e apresentar as notas da autora sobre o texto. As notas da tradutora no texto alvo também cumprem essa mesma função, ao apresentar comentários sobre a própria tradução e o texto. Além disso, esse ensaio cumpre a função expressiva, por conta de sua subjetividade e caráter opinativo, e a conativa, ao se dirigir diretamente aos leitores.

Para uma melhor abordagem em relação às referências e notas da autora, foi feito um quadro de pesquisa com os principais nomes citados ao longo do ensaio (Anexo A). Além disso, a estrutura do texto foi adaptada, até o possível, às normas da ABNT e, também, foi feita a escolha de verter em notas de rodapé todos os comentários e referências feitas pela autora (que no texto fonte estavam no final), além das notas da tradutora, para facilitar o processo de leitura e o trabalho de tradução. Ao longo do ato tradutório, foram usadas como fontes de pesquisa as páginas do Google, Google Tradutor, Linguee, Cambridge Dictionary, Dicionário Houaiss e Reverso Context, e para auxiliar o trabalho foi utilizada a ferramenta Smartcat.

Todas essas questões mencionadas guiaram este projeto e resultaram na tradução final do texto (Anexo C). A seguir, são analisados alguns dos principais aspectos que permearam o ato tradutório.

4. 2 REFERÊNCIAS, NOTAS DA AUTORA E CITAÇÕES

Como mencionado anteriormente, ao estruturar o texto traduzido as normas da ABNT foram usadas como base. As notas e referências foram colocadas em notas de rodapé no texto, diferente do caso do texto fonte, em que as notas e referências se encontram todas ao final do texto. No quadro a seguir, um exemplo de como as referências foram redigidas conforme as normas da ABNT:

Quadro 2 - Tradução de referência

Texto fonte	Texto alvo
10. Sheila Rowbotham, <i>Woman's Consciousness. Man's World</i> (Harmondsworth: Penguin, 1973), pp. 32-33	ROWBOTHAM, Sheila. Woman's Consciousness, Man's World. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 32-33.

Fonte: GODARD (1985, p. 179). Autoria própria.

A autora também insere referências a textos de outros autores em suas notas, que na tradução também foram adaptadas para serem mais compreensíveis para os leitores em português:

Quadro 3 - Tradução de nota da autora

Texto fonte	Texto alvo
13. See for example Judith Fetterley. <i>The Resisting Reader</i> (Bloomington: Indiana University Press, 1978) Also Lorraine Weir, "Towards a Feminist Hermeneutic." forthcoming in <i>Critical Difference Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women</i> (Downsview: ECW, 1984).	Veja, por exemplo, "The Resisting Reader" de Judith Fetterley (Bloomington: Indiana University Press, 1978). Também, "Towards a Feminist Hermeneutic", de Lorraine Weir, em "Critical Difference Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women" (Downsview: ECW, 1984).

Fonte: GODARD (1985, p. 179). Autoria própria.

Todas as citações em inglês foram traduzidas para o português pela tradutora, com exceção das citações diretas de "Sur Racine" ("Sobre Racine", traduzido por Ivone C. Benedetti), de Roland Barthes, e do poema presente no livro "Power

Politics” (“Políticas do Poder”, traduzido por Stephanie Borges), de Margaret Atwood. Assim, foram utilizadas as traduções já publicadas, que os leitores podem achar nas edições brasileiras das obras citadas. A seguir, pode-se observar como foi utilizada a tradução de Barthes no texto:

Quadro 4 - Tradução de “Sur Racine”

Texto fonte	Texto alvo
Others - and I would include myself among them - concur with Roland Barthes when he writes that "It is virtually impossible to deal with literary creation without postulating the existence of a relation between the work and something besides the work". ³ Feminist criticism makes this "something else" explicit and reveals its substructure of theories, assumptions and values - implicit in any critical theory.	Outros — e eu me incluiria entre eles — concordam com Roland Barthes quando ele escreve que "É praticamente impossível abordar a criação literária sem postular a existência de uma relação entre a obra e algo que não seja a obra". ³ A crítica feminista torna explícito este "algo mais" e revela a sua subestrutura de teorias, pressupostos e valores — implícitos em qualquer teoria crítica.

Fonte: GODARD (1985, p. 165). Autoria própria.

Assim, foi indicada a referência na nota de rodapé:

Quadro 5 - Referência de “Sur Racine”

Texto fonte	Texto alvo
Roland Barthes. "History of Literature? " in On Racine. trans. Richard Howard (New York: Hill& Wang, 1964), p. 163.	BARTHES, Roland. História ou Literatura? Sobre Racine . Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 199.

Fonte: GODARD (1985, p. 178). Autoria própria.

No quadro seguinte, é possível observar o uso da tradução de Atwood:

Quadro 6 - Tradução de “Power Politics”

Texto fonte	Texto alvo
We hear nothing these days	Nós nada ouvimos esses dias

<p>from the ones in power</p> <p>Why talk when you are a shoulder or a vault</p> <p>Why talk when you are helmeted with numbers</p> <p>Firsts have many forms; a fist knows what it can do</p> <p>without the nuisance of speaking: it grabs and smashes.</p> <p>From those inside or under words gush like toothpaste.</p> <p>Language, the fist proclaims by squeezing is for the weak only.</p>	<p>daqueles que estão no poder</p> <p>Por que falar quando você é um ombro ou um cofre</p> <p>Por que falar quando você está protegido por números</p> <p>Punhos têm muitas formas; um punho sabe o que pode fazer</p> <p>sem o incômodo de falar: ele agarra e aperta.</p> <p>Dos que estão dentro ou debaixo as palavras jorram como pasta de dente.</p> <p>Linguagem, o punho proclama ao apertar é apenas para os fracos.</p>
--	---

Fonte: GODARD (1985, p. 166). ATWOOD (2020).

No texto fonte, há o que parece ser um erro de digitação com a palavra “fists” sendo escrita como “firsts”, mas após pesquisa foi confirmada a real grafia da palavra no poema de Atwood. Isso ilustra como é comum no trabalho de tradução lidar com problemas de digitação e escrita no texto fonte.

Na nota de rodapé, também foi indicada a fonte da tradução do poema de Atwood:

Quadro 7 - Referência de “Power Politics”

Texto fonte	Texto alvo
Margaret Atwood, Power Politics (Toronto: Anansi, 1972). p. 31.	ATWOOD, Margaret. Políticas de Poder : Poemas. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

Fonte: GODARD (1985, p. 179). Autoria própria.

A seguir, um exemplo da tradução de uma citação direta de um livro de Sheila Rowbotham:

Quadro 8 - Tradução de citação

Texto fonte	Texto alvo
<p>(Language) is one of the instruments of domination... It speaks only for (the) world (of the oppressors), from their point of view. Ultimately a revolutionary movement has to break the hold of the dominant group over theory, it has to structure its own connections. Language is part of the political and ideological power of rulers... We can't just occupy existing words. We have to change the meanings of words even before we take them over.”</p> <p>[10. Sheila Rowbotham, <i>Woman's Consciousness. Man's World</i> (Harmondsworth: Penguin, 1973), pp. 32-33]</p>	<p>“(A linguagem) é um dos instrumentos de dominação... Fala apenas pelo mundo (dos opressores), do ponto de vista deles. Em última análise, um movimento revolucionário tem que quebrar o domínio do grupo dominante sobre a teoria, tem que estruturar as suas próprias ligações. A linguagem faz parte do poder político e ideológico dos governantes... Não podemos apenas ocupar as palavras existentes. Temos de mudar o significado das palavras antes mesmo de as assumirmos”.</p> <p>[ROWBOTHAM, Sheila. Woman's Consciousness, Man's World. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 32-33]</p>

Fonte: GODARD (1985, p. 167). Autoria própria.

No texto alvo, a essa citação foi inserida uma nota de tradução explicando o fato de as citações em inglês ao longo do texto terem sido todas traduzidas para o português pela tradutora, com exceção da obra de Roland Barthes e do poema de Margaret Atwood:

Quadro 9 - Nota da tradutora 1

Texto alvo
<p>N. da T.: em inglês no ensaio de Godard. Com exceção da obra de Barthes e do poema de Atwood citados anteriormente, todas as citações em inglês ao longo do texto foram traduzidas para o português pela tradutora.</p>

Fonte: Autoria própria.

No caso de terem sido publicados no Brasil, os títulos de obras citadas foram traduzidos conforme o nome de sua edição brasileira, como “Terra de Mulheres” (“Herland”) e “Um Teto Todo Seu” (“A Room of One's Own”). Para obras não publicadas no Brasil, foram mantidos seus títulos originais. No caso do título “My

Almighty Grandmother”, a tradução em português foi indicada entre parênteses, já que o sentido do título tem relação com o argumento desenvolvido no trecho do texto em que se encontra.

Lidar com a intertextualidade do texto e suas várias referências foi o primeiro desafio para a tradução. Dessa forma, o uso de notas de rodapé e a adaptação das referências às normas da ABNT foram estratégias encontradas para facilitar a leitura do ensaio. Além disso, a elaboração de um quadro de pesquisa com os principais nomes citados (Anexo A) serviu como referência para a tradutora ao longo do trabalho. Ao longo do texto traduzido, também foram inseridas outras notas de tradução, que são apresentadas na próxima seção.

4. 3 NOTAS DA TRADUTORA

Uma das inseguranças que apareceram durante o ato tradutório foi a necessidade de fazer interferências no texto, já que até então a tradutora não tinha o costume de adicionar notas de tradução em outros trabalhos. Porém, a leitura sobre a tradução feminista permitiu uma melhor compreensão de que a tradução não pode ser encarada como um simples processo de equivalência, já que se encontra dentro de um contexto social e político, e que a tradutora pode fazer intervenções para adequar o texto visando seu público. Uma dessas intervenções são as notas da tradutora, que foram incorporadas no texto alvo por meio de notas de rodapé, com a abreviação “N. da T.”.

Uma das notas foi em referência à expressão “feito carne” (“made flesh”), já que, ao pesquisar sobre a expressão, percebeu-se sua clara origem bíblica, principalmente considerando o sentido do trecho em que a expressão se encontrava, no qual a autora menciona a representação feminina na linguagem da Bíblia. Por isso, foi indicado na nota de tradução que o termo poderia se tratar de uma possível referência a um trecho da Bíblia. A referência não é uma certeza, pois não é possível confirmar devido ao fato de a emissora do texto fonte e a emissora do texto alvo estarem separadas no tempo e espaço. A nota de tradução pode ser analisada a seguir:

Quadro 10 - Nota da tradutora 2

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
A "new testament" is necessary when a revolution in belief occurs, when the word is recreated, is "made flesh" and translated into action.	Um "novo testamento" é necessário quando ocorre uma revolução na crença, quando o verbo é recriado, é "feito carne", traduzido em ação.	N. da T.: possível referência ao versículo João 1:14, da Bíblia: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Tradução de João Ferreira de Almeida).

Fonte: GODARD (1985, p. 166). Autoria própria.

Outra referência bíblica foi encontrada no excerto a seguir, a qual foi indicada em uma nota:

Quadro 11 - Nota da tradutora 3

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
Mary, like Plato's women is silent, "pondering all these things in her heart."	Maria, como as mulheres de Platão, está em silêncio, "meditando todas estas palavras no seu coração".	N. da T.: possível referência a Lucas 2:19, da Bíblia: "Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração" (Tradução de João Ferreira de Almeida).

Fonte: GODARD (1985, p. 166). Autoria própria.

Houve dificuldades na tradução da expressão "father discipline", de forma que funcionaria dentro do contexto do trecho. Ao fazer uma pesquisa sobre a expressão, foi encontrado um verso da Bíblia que poderia ter sido uma referência para o uso do termo no texto fonte. Assim, foi escolhida a tradução "a instrução do seu pai", indicando na nota da tradutora a possível referência:

Quadro 12 - Nota da tradutora 4

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
-----------------------	----------------------	-------------------

In confronting its father discipline, feminist criticism discloses the most basic assumptions of its thinking.	Ao confrontar a instrução do seu pai, a crítica feminista revela os pressupostos mais básicos do seu pensamento.	N. da T.: possível referência a Provérbios 15:5, da Bíblia: "O insensato despreza a instrução de seu pai, mas o que atende à repreensão consegue a prudência" (Tradução de João Ferreira de Almeida).
--	--	---

Fonte: GODARD (1985, p. 169). Autoria própria.

No caso da menção a um conceito de Dorothy Smith, "stag effect", preferiu-se traduzir o termo para o português, como "efeito veado". Na nota de rodapé, foi indicado o termo em inglês, para os leitores terem acesso à expressão caso queiram pesquisar sobre o tema. Além disso, foi feita uma explicação sobre o sentido da expressão:

Quadro 13 - Nota da tradutora 5

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
Literary criticism is clearly within the perimeter of the circle, an activity of academics extending the circle of patriarchal power - the circle of members "who count for one another" governed, as Smith says, by the "stag effect".	A crítica literária está claramente dentro do perímetro do círculo, uma atividade de acadêmicos que estende o círculo do poder patriarcal — o círculo de membros "que contam uns com os outros", governado, como diz Smith, pelo "efeito veado".	N. da T.: tradução de "stag effect". O termo descreve a tendência de homens se unirem em grupos que excluem a participação de mulheres.

Fonte: GODARD (1985, p. 168). Autoria própria.

No trecho seguinte, há menção a um momento da crítica feminista que estava ocorrendo no ano em que o texto foi publicado, em 1985. Por isso, sentiu-se a necessidade de inserir uma nota situando os leitores dentro do contexto em que o texto foi escrito. A pesquisa já feita anteriormente sobre a crítica literária feminista serviu como referência para a inserção desta nota:

Quadro 14 - Nota da tradutora 6

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
The "images of women" criticism that has dominated North American feminist literary criticism, at least until very recently, has been responsible for such a displacement of meaning and defamiliarization.	A crítica às "representações de mulheres" que dominou a crítica literária feminista norte-americana, pelo menos até muito recentemente, foi responsável por tal deslocamento de significado e defamiliarização.	N. da T.: o texto foi originalmente publicado em 1985, que compreende o período na crítica literária feminista norte-americana no qual a crítica, que se direcionava principalmente à forma como mulheres eram representadas na literatura, passa a transferir seu foco para a análise de obras escritas por mulheres.

Fonte: GODARD (1985, 171). Autoria própria.

No trecho seguinte, há menção ao termo "genderlect", que não tem um equivalente usado no português do Brasil. Então, foi mantida a expressão em itálico e foi criada uma nota de rodapé com uma tradução literal e uma explicação sobre o conceito:

Quadro 15 - Nota da tradutora 7

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
Gossip is a specific type of women's language or genderlect	A fofoca é um tipo específico de linguagem das mulheres ou <i>genderlect</i>	N. da T.: em português, "dialecto de gênero". Trata-se de um conceito que se refere aos estudos sobre as possíveis relações entre linguagem e gênero.

Fonte: GODARD (1985, p. 174). Autoria própria.

Na tradução desta citação do livro "Lives of Girls and Women" da Alice Munro, cuja edição brasileira não foi encontrada, foi feita a escolha de manter a palavra "pleasure" na grafia em inglês e entre aspas, pois o trecho faz menção à pronúncia

da palavra com essa grafia específica. Assim, na nota de tradução foi inserido o seu equivalente em português:

Quadro 16 - Nota da tradutora 8

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
That very word pleasure had changed for me; I used to think it a mild sort of word, indicating a rather low-key self-indulgence; now it seemed explosive, the two vowels in the first syllable spurting up like fireworks, ending on the plateau of the last syllable, its dreamy purr.	Para mim, houve uma mudança na palavra "pleasure"; eu costumava pensar ser um tipo de palavra suave, indicando uma autoindulgência bastante discreta; porém, agora, parecia explosiva, as duas vogais da primeira sílaba brotando como fogos de artifício, terminando no platô da última sílaba seu ronronar sonhador.	N. da T.: "prazer".
Alice Munro, <i>Lives of Girls and Women</i> (New York: New American Library, 1971), p. 181.	MUNRO, Alice. Lives of Girls and Women . New York: New American Library, 1971. p. 181.	

Fonte: GODARD (1985, p. 175). Autoria própria.

Na tradução do título do livro de Mary Daly, também sem edição brasileira, foi mantido o título em inglês entre aspas e na nota de tradução foi indicado o sentido do título como uma junção de duas palavras:

Quadro 17 - Nota da tradutora 9

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
Here her practice joins the punning neologisms of Mary Daly in <i>Gyn/Ecology</i>	Aqui, sua prática se junta aos trocadilhos e neologismos de Mary Daly em "Gyn/Ecology"	N. da T.: junção das palavras <i>gynecology</i> ("ginecologia") e <i>ecology</i> ("ecologia").

Fonte: GODARD (1985, p. 175). Autoria própria.

Neste trecho há uma referência aos termos “Unfield/Ourfield/Outfield” que aparecem no livro de Mary Daly. Então, foram mantidos os termos em inglês e foi feita uma nota de tradução especificando que os termos são um jogo de palavras:

Quadro 18 - Nota da tradutora 10

Trecho do texto fonte	Trecho do texto alvo	Nota da tradutora
It is very much an Otherworld journey, occurring in the "Unfield/Ourfield/Outfield"	É uma jornada do Outro Mundo, ocorrendo no "Unfield/Ourfield/Outfield"	N. da T.: jogo de palavras com <i>field</i> (em português, "campo" ou "área").

Fonte: GODARD (1985, p. 175). Autoria própria.

As notas da tradutora cumpriram o objetivo de explicitar a presença da tradutora na construção do texto alvo, apresentar o sentido de palavras que devido ao contexto não poderiam ser substituídas por um equivalente, explicar possíveis referências da autora ao construir o texto e informar os leitores sobre o contexto e a época em que o ensaio foi escrito. A seguir, é analisada a tradução dos títulos que aparecem ao longo do texto.

4. 4 TÍTULOS

O título do ensaio é “Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language”, que faz referência à analogia de “redesenhar o círculo” que guia a argumentação de Godard, quando ela articula formas de transferir o foco para a literatura escrita por mulheres. Na tradução, foi escolhida uma tradução mais literal do título, “Redesenhando o Círculo: Poder, Poética e Linguagem”, com uma mudança no uso da vírgula para a conjunção aditiva “e”, para ficar mais gramaticalmente adequado em português.

Após uma introdução, o texto se divide em três partes antes do epílogo, que recebem os seguintes títulos: “Dislodging the centre”; “New circles”; “Spiralling out”. A seguir, podem ser observadas as duas ilustrações que acompanham respectivamente “New circles” e “Spiralling out”:

Figura 2: Ilustrações de “New circles” e ”Spiralling out”



Fonte: Redrawing the Circle: Power, Poetics, Language
(GODARD, 1985, p. 171, 174)

Para manter um paralelismo, foi tomada a decisão de adaptar os termos para serem substantivos na tradução. Assim, “Dislodging the centre” foi traduzido como “Deslocamento do centro”, em vez da outra opção possível, “Deslocando o centro”. O título “New circles” foi traduzido como seu equivalente, “Novos círculos”, já que se trata de um substantivo. Porém, houve uma certa dificuldade na tradução do título “Spiralling out”, sendo que sua tradução literal seria algo como “espiralando para fora”, cujo sentido não funcionaria muito bem no português. Por isso, decidiu-se por traduzir como “Espiral”, que, além de ser um substantivo, também sintetiza a ideia transmitida nessa parte do texto.

Dessa forma, as escolhas dos títulos para a versão traduzida foram feitas conforme o propósito de criar títulos objetivos que sintetizam as ideias do texto. Na próxima seção, é analisado como a questão do gênero gramatical se mostrou relevante ao longo da tradução.

4. 5 GÊNERO GRAMATICAL

A questão do gênero gramatical foi um dos desafios de tradução que permearam este trabalho. Isso aconteceu por conta do uso no texto fonte de substantivos e adjetivos que na língua inglesa são considerados neutros, sem um gênero específico, diferentemente do que ocorre na gramática normativa do português. Por se tratar de um texto feminista, que coloca a escrita de mulheres em destaque, foi considerado importante dar prioridade a uma linguagem mais inclusiva na tradução.

No texto fonte, aparecem os termos “women writers” e “women readers” para se referir a mulheres escritoras e leitoras, os quais não geraram dúvidas para a

tradução. Porém, as palavras “writers” e “readers” também foram utilizadas no texto fonte sem especificar o gênero, e para traduzi-las foi preciso considerar o contexto do texto fonte. Por exemplo, isso ocorreu no trecho seguinte, em que foi perceptível que “writers” se refere a “escritoras”, por conta do uso de “women writers” em trechos anteriores. Além disso, a autora usa o pronome “we”, que, considerando o contexto, provavelmente deve se referir a algo como “nós, mulheres, críticas feministas”, e, por isso, foi considerado o feminino na flexão de gênero em “if we would be heard in both” (“Se quisermos ser ouvidas em ambos”) e “bilingual translators” (“tradutoras bilíngues”):

Quadro 19 - Tradução de “writers”

Texto fonte	Texto alvo
<p>Most of us like the writers, are straddling two worlds, the world of the academy and a world of our own and if we would be heard in both, if we would remain within the academy to decentre it, we must communicate with it, sending our messages in forms it can interpret even as we try to find a vocabulary adequate for our experience, becoming bilingual translators in the process.</p>	<p>A maioria de nós, como as escritoras, está atravessando dois mundos, o mundo da academia e um mundo próprio. Se quisermos ser ouvidas em ambos e permanecer dentro da academia para descentrá-la, devemos nos comunicar com ela, enviando nossas mensagens em formas que ela pode interpretar enquanto tentamos encontrar um vocabulário adequado para nossa experiência, tornando-nos tradutoras bilíngues no processo.</p>

Fonte: GODARD (1985, p. 173-174). Autoria própria.

Houve dúvidas em relação à questão do marcador de gênero na palavra “poeta”, já que para se referir a poetisas mulheres, no português, existe a palavra “poetisa”. Porém, essa palavra carrega uma carga pejorativa, por ser associada à inferiorização de mulheres que escrevem poesia (MORELATO, 2019). Conseqüentemente, o termo “poeta” atualmente é utilizado também para se referir a mulheres, sendo descrito como um substantivo de dois gêneros pelo Dicionário Houaiss. Por isso, no texto alvo, foi utilizada a palavra “poeta” para se referir tanto a mulheres quanto homens, com o artigo sendo o principal marcador de gênero.

No trecho a seguir, no texto fonte não há indicador de gênero para “a poet”, porém na tradução optou-se por “uma poeta”, já que pelo contexto compreende-se

que o problema indicado pela autora se trata de uma questão que concerne principalmente às mulheres escritoras:

Quadro 20 - Tradução de “a poet”

Texto fonte	Texto alvo
The gender markers it encodes assign to woman "negative semantic spaces." This lack of faith in the signifying potentials of language is a problem for a poet.	Os marcadores de gênero que ela codifica atribuem à mulher "espaços semânticos negativos". Essa falta de fé nos potenciais significativos da linguagem é um problema para uma poeta.

Fonte: GODARD (1985, p. 166). Autoria própria.

No final do texto, antes do epílogo, a questão da palavra “poeta” aparece novamente, já que não há indicador de gênero para “the poets” no texto fonte. Porém, considerando a argumentação de Godard, que no texto faz referência a um poema de Margaret Atwood e discute o papel feminino na linguagem e na literatura, entende-se que a melhor escolha de tradução para “the poets” seria “as poetas”:

Quadro 21 - Tradução de “the poets”

Texto fonte	Texto alvo
Let us join our voices with those of the poets.	Juntemos nossas vozes às das poetas.

Fonte: GODARD (1985, p. 176). Autoria própria.

Considerando a possível abrangência do público do texto, no trecho a seguir houve dúvidas em relação à melhor tradução de “the reader”. Traduzir para “o leitor” e “a leitora” pareceu muito restrito. Então, preferiu-se pela forma plural “leitores”, que funciona dentro do contexto do texto e, também, foi utilizada em outros momentos do texto alvo:

Quadro 22 - Tradução de “the reader”

Texto fonte	Texto alvo
Consequently, this criticism would be an assimilated reading, an intertextuality in which through shared characters,	Consequentemente, essa crítica seria uma leitura assimilada, uma intertextualidade em que, por meio de

quotations or languages, the reader is intimately touched by the other's text.	personagens, citações ou linguagens compartilhadas, leitores são tocados intimamente pelo texto do outro.
--	---

Fonte: GODARD (1985, p. 170). Autoria própria.

No trecho seguinte, aparecem as expressões “women readers” e “female readers”, que no texto alvo foram traduzidas como “leitoras”. Porém, na segunda frase, quando há uso de “readers” sem um marcador de gênero como “female” e “women”, optou-se por traduzir o termo para “leitores”, já que compreende-se pelo contexto que a autora considera leitores de mais de um gênero:

Quadro 23 - Tradução de “readers”

Texto fonte	Texto alvo
Women readers may well complete her phrase with the missing words "by the male critics", and thus weave even more densely the web of hidden assumptions shared with her implied female readers, but Woolf has not challenged these critics' dominancy directly and leaves them with a general impression of feminine passivity. Nonetheless, her statements cast a haze over the centre of the circle for readers who share her hidden agenda, for no longer can they apply the definition of artist equitably to males and females.	As leitoras podem muito bem completar esse trecho com as palavras que não foram percebidas "pelos críticos homens" e, assim, tecer ainda mais densamente a teia de suposições ocultas compartilhadas com suas leitoras implícitas, mas Woolf não desafiou o domínio desses críticos diretamente e os deixa com a impressão geral de uma passividade feminina. No entanto, suas declarações lançam uma névoa sobre o centro do círculo para leitores que compartilham seus objetivos ocultos, pois não podem mais aplicar a definição de artista de forma igualitária a homens e mulheres.

Fonte: GODARD (1985, p. 171). Autoria própria.

No caso da tradução de “friends”, considerou-se que, pelo contexto do trecho em que a expressão se encontra, o termo se refere a diálogos entre mulheres. Assim, “friends” foi traduzida como “amigas”:

Quadro 24 - Tradução de “friends”

Texto fonte	Texto alvo
It is here that "the voices of friends in dialogue" circulate, for the critic is close to the woman writer who has preceded	É aqui que circulam "as vozes das amigas em diálogos", pois a crítica está próxima da escritora que a precedeu

her outside the circle.	fora do círculo.
-------------------------	------------------

Fonte: GODARD (1985, p. 174). Autoria própria.

Na tradução do texto a seguir, para se referir a “the reader” escolheu-se traduzir o termo como “quem os lê”, no lugar de traduções possíveis como “o leitor” ou “a leitora”. Isso foi feito com o objetivo de escolher uma opção de tradução mais neutra, considerando a questão do gênero, que funciona dentro da construção do texto:

Quadro 25 - Tradução de “the reader”

Texto fonte	Texto alvo
In this lies their potential for breaking the texts in the puzzles they pose for a reader, as they break conventions.	Nesse lugar, reside o potencial para quebrar os textos por meio dos quebra-cabeças que eles representam para quem os lê, já que eles quebram as convenções.

Fonte: GODARD (1985, p. 175). Autoria própria.

No epílogo, há momentos em que a autora passa a se dirigir diretamente aos leitores, com o uso do pronome “you”. Em vez de usar os pronomes de forma gramaticalmente mais adequada, que seria traduzir como “convidá-lo” ou “convidá-la” ou “convidá-los”, foi tomada a liberdade de manter a força que o pronome “you” assume no texto fonte. Isso foi feito para manter a neutralidade que “you” assume no texto em inglês, considerando o estilo de escrita mais reflexivo e livre da autora, quem no texto discute as convenções da linguagem. Assim, “you” foi traduzido como “você”, com a palavra em itálico para ter destaque:

Quadro 26 - Tradução de “you”

Texto fonte	Texto alvo
This essay is grounded in paradoxes, not the least of which is the tension between its rhetorical and expressive functions, as it both denounces the logical principles which have lead to women's supposed literary silence and through the poetic appeal of its	Este ensaio baseia-se em paradoxos, entre os quais está a tensão entre as suas funções retóricas e expressivas, pois denuncia os princípios lógicos que levaram ao suposto silêncio literário das mulheres e, por meio do apelo poético das suas metáforas, convida <i>você</i> a

metaphors invites you to respond to identifying with this muffled voice.	responder à identificação com esta voz sufocada.
--	--

Fonte: GODARD (1985, p. 176-177). Autoria própria.

No trecho a seguir, há outro uso de “você”:

Quadro 27 - Tradução de “you” 2

Texto fonte	Texto alvo
Consequently, its ringing tones work to convince you rather than inviting you to question established procedures.	Consequentemente, seus tons de toque funcionam para convencer você, em vez de convidar a questionar os procedimentos estabelecidos.

Fonte: GODARD (1985, p. 177). Autoria própria.

A autora também usa “the reader” para especificar o “you” a quem ela se refere. Assim, neste trecho, em vez de traduzir o termo “the reader” como “o leitor” ou “a leitora”, adotou-se o aposto “que está lendo este ensaio”. Isso foi feito como forma de manter o compromisso da tradutora de achar formas de deixar o texto mais inclusivo e incluir um público mais abrangente que se interessa por discussões sobre gênero:

Quadro 28 - Tradução de “you” e “the reader”

Texto fonte	Texto alvo
By way of moving us towards that heterogeneous text, I am openly addressing you, the reader, and explicating this paradox for you in order to subvert its appropriating power over you.	Para nos mover em direção a esse texto heterogêneo, estou me dirigindo abertamente a você, que está lendo este ensaio, e explicando esse paradoxo, a fim de subverter esse poder de apropriação que é exercido sobre você.

Fonte: GODARD (1985, p. 177). Autoria própria.

Em outro trecho, “the reader” foi traduzido como “quem está lendo”, também como uma maneira de achar um termo neutro que funciona dentro da construção do texto:

Quadro 29 - Tradução de “the reader” 2

Texto fonte	Texto alvo
It offers few rough edges or breaks for the reader to latch onto, is in no way disjointed or autobiographical.	Ele oferece poucas arestas ou quebras para quem está lendo se agarrar, não é de forma alguma desconexo ou autobiográfico.

Fonte: GODARD (1985, p. 177). Autoria própria.

Essas escolhas foram feitas atentando-se ao possível público do texto, que inclui pessoas que se interessam por crítica literária feminista e o trabalho de Barbara Godard. Também, foi considerado o possível interesse desse mesmo público em ler textos que se beneficiam de uma linguagem mais inclusiva e menos sexista. Sendo assim, outras escolhas tradutórias foram feitas tendo em mente o público alvo. Como já foi visto em outros trechos analisados, a construção de alguns períodos do texto fonte também foi alterada no momento da tradução, algo que é observado com mais atenção a seguir.

4. 6 CONSTRUÇÃO DE PERÍODOS

Os longos períodos do texto fonte também foram algo que chamou a atenção da tradutora durante o processo de tradução. Houve casos em que a pontuação do parágrafo foi alterada para facilitar o entendimento do texto em português, como ocorreu no trecho seguinte:

Quadro 30 - Tradução em caso de períodos longos

Texto fonte	Texto alvo
Variously the two foci may move closer, reactions to any point on the circumference then becoming equal or they may separate as the centres of two independent though intersecting circles, each obeying its own laws, no point on the circumference of the one having any necessary relation to the other circle.	De várias maneiras, os dois focos podem se aproximar. As reações a qualquer ponto da circunferência podem se tornar iguais ou separar-se como centros de dois círculos independentes, embora se cruzem, com cada um obedecendo às suas próprias leis e nenhum ponto da circunferência de um tendo qualquer relação necessária com o outro círculo.

Fonte: GODARD (1985, p. 172). Autoria própria.

Neste próximo trecho, os períodos foram divididos com pontos de interrogação, pois ao transferir o texto para o português, mantendo as pontuações do texto fonte, percebeu-se que em português ficaria difícil de perceber que os períodos se tratam de perguntas. Dessa forma, foram feitas mudanças na pontuação:

Quadro 31 - Tradução em caso de períodos longos 2

Texto fonte	Texto alvo
<p>Is the oppression privatized, psychological, its genesis in the basic impulses and instincts of the Oedipal phase important for the separation, the difference, that forms the subject, developmental process from which females undifferentiated from their mothers, from nature- are excluded? Does this exclusion then perpetuate itself in the symbolic systems and language of our culture, or do these systems and this language "speak" us out of them, because they have been formed and perpetuated in male institutions?</p>	<p>A opressão é privatizada, psicológica? Sua gênese nos impulsos e instintos básicos da fase edipiana é importante para a separação, a diferença que forma o sujeito, o processo de desenvolvimento do qual as mulheres — indiferenciadas de suas mães, por natureza — são excluídas? Essa exclusão então se perpetua nos sistemas simbólicos e na linguagem de nossa cultura? Ou esses sistemas e essa linguagem nos “falam” deles, já que foram formados e perpetuados em instituições masculinas?</p>

Fonte: GODARD (1985, p. 178). Autoria própria.

Essas e outras intervenções na construção dos períodos foram feitas visando facilitar a leitura e o entendimento do texto alvo. Também, foram feitas outras intervenções na tradução de outras expressões que se mostraram complexas durante o ato tradutório e que são exploradas na próxima seção.

4. 7 OUTRAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Entre as expressões e palavras que geraram dúvidas durante o processo tradutório, está a palavra “language”, que em português pode se referir tanto a “língua” quanto a “linguagem”. Considerado a temática do texto que gira em torno de uma abordagem mais abrangente do sistema literário, decidiu-se traduzir “language” como “linguagem” em todo o texto, como no exemplo a seguir:

Quadro 32 - Tradução de “language”

Texto fonte	Texto alvo
My subject is ideology and language which I shall approach through women's writing and feminist literary criticism.	O meu tema é a ideologia e a linguagem, que abordarei por meio da escrita feminina e da crítica literária feminista.

Fonte: GODARD (1985, p. 165). Autoria própria.

A expressão idiomática “icing on the cake” não tem uma tradução literal que funcionaria dentro de um texto em português, mas após uma pesquisa descobriu-se que a expressão “a cereja do bolo” funcionaria com um sentido parecido com o do texto fonte:

Quadro 33 - Tradução de “icing on the cake”

Texto fonte	Texto alvo
This punning and spinning of metaphors, as we shall see, is not just "icing on the cake" but cognitive activity central to the forging of new (conceptual) worlds.	Esse trocadilho e outras metáforas, como veremos, não são apenas "a cereja do bolo", mas uma atividade cognitiva central para forjar novos mundos (conceituais).

Fonte: GODARD (1985, p. 170). Autoria própria.

Ao se referir à escrita de Virginia Woolf, Godard menciona o uso de “truncated passive”, expressão usada para descrever um tipo de uso da passiva na gramática do inglês, mas que não tem um equivalente específico em português. Após pesquisa sobre o assunto, decidiu-se traduzir o termo como “estrutura incompleta da voz passiva”. Essa escolha carrega de forma objetiva o sentido da expressão do texto fonte e pode ser facilmente compreendida pelos leitores dentro do contexto do texto alvo:

Quadro 34 - Tradução de “truncated passive”

Texto fonte	Texto alvo
Instead, she uses the truncated passive in sentences like the following from A Room of One's Own "...a woman was not encouraged to be an artist.	Em vez disso, ela usa a estrutura incompleta da voz passiva em frases como a seguinte de "Um Teto Todo Seu": "... uma mulher não foi encorajada a ser uma artista.

Fonte: GODARD (1985, p. 171). Autoria própria.

Houve dúvidas na tradução “in an object-oriented way for naming”, principalmente em seu sentido. Porém, decidiu-se traduzir como “de maneira orientada para nomear objetos”, para explicitar em português o sentido do termo no texto fonte:

Quadro 35 - Tradução de “in an object-oriented way for naming”

Texto fonte	Texto alvo
Diane McGuinness has suggested that men use language in an object-oriented way for naming, while women use language contextually to explore the emotions and meanings of other human beings in a given situation.	Diane McGuinness sugeriu que os homens usam a linguagem de maneira orientada para nomear objetos, enquanto as mulheres usam a linguagem contextualmente para explorar as emoções e os significados de outros seres humanos em uma determinada situação.

Fonte: GODARD (1985, p. 172). Autoria própria.

Também, houve dúvidas em relação à melhor tradução de “self”, mas chegou-se à conclusão de que a palavra “eu” poderia funcionar dentro do sentido do texto. Após pesquisa no dicionário, confirmou-se que “eu” pode ser utilizado como substantivo. Sendo assim, decidiu-se deixar a palavra entre parênteses, no texto alvo, para evidenciar seu papel como substantivo:

Quadro 36 - Tradução de “self”

Texto fonte	Texto alvo
The word is rediscovered in the self in an act of <i>creative</i> intentionality.	A palavra é redescoberta no “eu” em um ato de intencionalidade <i>criativa</i> .

Fonte: GODARD (1985, p. 174). Autoria própria.

No caso da palavra “wilderness”, que aparece algumas vezes no texto fonte, houve mais de uma tradução. No trecho a seguir, a palavra se refere à obra de Gabrielle Roy. De acordo com o contexto em que essa obra se passa, a primeira opção, “deserto”, não funcionaria. Por isso, optou-se por traduzir “wilderness” como “ambiente selvagem” e como “região selvagem”, como aparece no trecho seguinte:

Quadro 37 - Tradução de “wilderness”

Texto fonte	Texto alvo
Gabrielle Roy's pioneer women dislike the "naked prairie" and assert their own presence as creative centre in a pioneering activity which would make of the wilderness a home.	As mulheres pioneiras de Gabrielle Roy não gostam da "pradaria nua" e afirmam sua própria presença como centro criativo em uma atividade pioneira que faria da região selvagem um lar.

Fonte: GODARD (1985, 173). Autoria própria.

No caso de “cultural wilderness”, optou-se pela tradução “selva cultural”, para criar um termo que carrega uma ideia que seja de fácil e rápida compreensão para os leitores:

Quadro 38 - Tradução de “wilderness” 2

Texto fonte	Texto alvo
(...) “a language of intimacy” arising from the solidarity and identity of women as members of a social group with a pool of common experience, a language that circulates orally, outside the circle of male experience, uncoded and savage, in a cultural wilderness.	(...) “uma linguagem de intimidade” decorrente da solidariedade e identidade das mulheres como membros de um grupo social com um conjunto de experiências comuns, que circula oralmente, fora do círculo da experiência masculina, não codificada e selvagem, numa selva cultural.

Fonte: GODARD (1985, p. 174). Autoria própria.

No excerto a seguir, houve dúvidas em relação a “her phrase”, já que na primeira opção de tradução, “sua frase”, o pronome possessivo poderia ficar com um sentido ambíguo no texto em português. Por isso, optou-se por “esse trecho” no texto alvo, para evitar a ambiguidade:

Quadro 39 - Tradução de “her phrase”

Texto fonte	Texto alvo
Women readers may well complete her phrase with the missing words "by the male critics", and thus weave even more densely the web of hidden assumptions	As leitoras podem muito bem completar esse trecho com as palavras que não foram percebidas "pelos críticos homens" e, assim, tecer ainda mais

shared with her implied female readers, but Woolf has not challenged these critics' dominancy directly and leaves them with a general impression of feminine passivity.	densamente a teia de suposições ocultas compartilhadas com suas leitoras implícitas, mas Woolf não desafiou o domínio desses críticos diretamente e os deixa com a impressão geral de uma passividade feminina.
---	---

Fonte: GODARD (1985, p. 171). Autoria própria.

Portanto, esses foram os exemplos de termos, construções e aspectos que geraram questionamentos e reflexões ao longo do processo de tradução. Assim, foi gerado este relatório que ressalta as questões que compõem o processo de tradução e os aspectos considerados ao serem feitas as escolhas tradutórias, influenciadas pelo ponto de vista e pelos conhecimentos do/a tradutor/a.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta uma proposta de tradução comentada do texto “Redrawing the circle: Power, poetics, language” da autora canadense Barbara Godard. A escolha de trabalhar com esse texto foi feita devido ao interesse de trabalhar com um texto sobre crítica literária feminista e com uma autora que teve um papel importante nos estudos da tradução feminista. Dessa forma, as pesquisas sobre a crítica literária feminista e a tradução feminista foram importantes para um melhor entendimento sobre essas temáticas e o trabalho de Godard. Este trabalho teve como referencial teórico duas perspectivas dos Estudos da tradução: a tradução funcionalista e a tradução comentada.

A proposta de tradução, acompanhada de um relatório, foi elaborada segundo o modelo funcionalista de análise textual orientado para a tradução, de Christiane Nord (2016), que tem como foco as funções dos textos envolvidos no processo tradutório. As notas da tradutora e o relatório da tradução foram elaborados conforme a abordagem da tradução comentada, cujo objetivo é pensar e refletir sobre o ato tradutório e os fatores que o influenciam.

Além disso, o processo de traduzir e comentar o texto permitiu a união entre prática e teoria, gerando reflexões sobre o ato tradutório e as escolhas que precisam ser feitas ao longo desse processo. Assim, como resultado, foram elaborados comentários sobre as notas da autora, a intertextualidade do texto, os títulos e as questões relacionadas ao gênero gramatical, a construção de períodos e as expressões que apresentaram algum grau de dificuldade. Também, foram adicionadas ao texto traduzido as notas da tradutora, as quais, conforme os preceitos da tradução feminista, foram o espaço em que a tradutora evidenciou sua presença na construção do texto alvo, apontando opções de tradução, possíveis intertextos e o contexto em meio ao qual o ensaio foi publicado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Paula Melo de. **Tradução de Artigos Científicos: Visibilidade à tradução feminista**. 2021, p. 1-133. Departamento de línguas estrangeiras e tradução – Universidade de Brasília, 2021.

ATWOOD, Margaret. **Políticas de Poder: Poemas**. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

BARTHES, Roland. História ou Literatura? **Sobre Racine**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. 1949. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2 v.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BETTS, Gregory. Barbara Godard. **The Canadian Encyclopedia**, 2013. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/barbara-godard>>. Acesso em: 10. dez. 2022.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896 p.

COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, p. 1227-1247, 2019.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: teorias e práticas subversivas: Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. **Textos de História**, Brasília, v. 8, n. 1/2, p. 157-188, 2000.

FLOTOW, Luise von. Tradução feminista: contextos, práticas e teorias. Tradução de Ofir Bergemann De Aguiar & Lilian Virginia Porto. **Cad. Trad., Florianópolis**, v. 41, nº 2 p. 492-511, mai-ago, 2021.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Tradução de Carla Bitelli, Flávia Yacubian, Bhuvi Libanio e Marina Vargas. Rosa dos Tempos, 2020.

GILMAN, Charlotte Perkins. 1911. **The Man-Made World; or, Our Androcentric Culture**. Disponível em:

<<https://seminariolecturasfeministas.files.wordpress.com/2012/01/charlotte-perkins-gilman-the-man-made-world-or-our-androcentric-culture.pdf>>. Acesso em 8 fev. 2023.

GILMAN, Charlotte Perkins. 1915. **Terra das Mulheres**. Tradução de Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

GODARD, Barbara. Redrawing the circle: Power, poetics, language. *In*: Arthur Kroker and Marilouise; Pamela McCallum and Mair Verthuy (Eds.). **Feminism Now: Theory and Practice**. Montreal: New World Perspectives, 1985. p. 165-181. Disponível em: <<https://journals.uvic.ca/index.php/ctheory/article/view/14033>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

GODARD, Barbara. Talking About Ourselves: The Literary Productions of Native Women. **CRIAW Publication**, no. 11. Ottawa: CRIAW, 1985.

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. **Tessera**, [S. l.], v. 6, 1989. Disponível em: <<https://tessera.journals.yorku.ca/index.php/tessera/article/view/23583>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GODARD, Barbara. **Audrey Thomas and Her Works**. Toronto: ECW Press, 1989.

GODARD, Barbara. **Canadian Literature at the Crossroads of Language and Culture**: Selected Essays by Barbara Godard, 1987-2005. Edmonton: NeWest, 2008.

GOLDMAN, Jane. The feminist criticism of Virginia Woolf. *In*: **A History of Feminist Literary Criticism**. New York: Cambridge University Press, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=tXEzKuaSeQ0C&lpg=PP1&ots=r8MP4dEH6O&dq=feminist%20literary%20criticism%20virginia%20woolf&lr&hl=pt-BR&pg=PA66#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

KARPINSKI, Eva C.. In Memoriam Barbara Godard. **Canadian Woman Studies**. 2010. Disponível em: <<https://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/download/31484/28908/32610>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MALENA, Anna; TARIF, Julie. A tradução feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca? Tradução de Tainara Cecília Balt. **Cad. Trad.**, Porto Alegre, n. 47, 2022.

MILLET, Kate. **Sexual politics**. New York: Ballantine books, 1970.

MORELATO, Adrienne Kátia Savazoni. Por que poeta, e não poetisa? **Vermelho**, 2019. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/adrienne-savazoni-por-que-poeta-e-nao-poetisa/>>. Acesso em: 9 fev. 2023.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática / Christiane Nord ; coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser — São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. (Coleção Transtextos; v.1)

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura revolucionária: Uma teia de erros em torno da feminista Nísia Floresta, nascida há 210 anos. **Piauí**, 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>>. Acesso em 8 fev. 2023.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. *In*: AZEVEDO, T.M; PAVIANI, N.M.. (Org.). **Universo Acadêmico em Gêneros Discursivos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política** (UFPR. Impresso), v. 18, p. 15-23, 2010.

POETA. *In*: GRANDE Dicionário Houaiss. [S. l.]: UOL, [2009]. *On-line*.

POULLAIN DE LA BERRE, François. 1679. **De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés**

ROWBOTHAM, Sheila. **Woman's Consciousness, Man's World**. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 32-33

SCOTT, Joan. 1989. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A1nero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SOPHIA. **Woman not Inferior to Man**: or, a Short and Modest Vindication of the Natural Right of the Fair-Sex to a Perfect Equality of Power, Dignity and Esteem with the Men. London: Printed for John Hawkins, at the Falcon in St. Paul's Church-Yard, 1739.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada?. In: Luana Ferreira de Freitas; Marie Helene Torres; Walter Costa. (Org.). **Literatura traduzida: Tradução Comentada e Comentários de Tradução**. 1. ed. Fortaleza: Substância, 2017, v. 2, p. 15-37.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla; JANCZUR, Chistine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: **IX Seminário Internacional de História da Literatura**, 2012, Porto Alegre. Anais [recurso eletrônico] /9. Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 407-415.

WOLLSTONECRAFT, Mary. 1792. **A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects**.

WOOLF, Virginia. 1929. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ANEXOS

ANEXO A - QUADRO DE PESQUISA

Nomes citados	Informações	Referências
Alice Munro	Escritora canadense, que se destaca pelo seu trabalho como contista ao escrever sobre as vidas de mulheres comuns. Foi agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura, em 2013.	CORREIA, Lorena. Mulheres do Nobel: Alice Munro. Delirium Nerd , 2021. Disponível em: < https://deliriumnerd.com/2021/06/11/mulheres-do-nobel-alice-munro/ >. Acesso em: 29 jan. 2023. FRENCH, Cameron. Alice Munro é mestre na arte do conto. Extra , 2013. Disponível em: < https://extra.globo.com/tv-e-lazer/perfil-alice-munro-mestre-na-arte-do-conto-10321636.html >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Annette Kolodny	Crítica literária e ativista feminista norte-americana, que ganhou destaque com seu trabalho baseado na ecocrítica e no ecofeminismo, ao analisar as relações entre as representações femininas e o tratamento da terra.	HAMILTON, Amy. In Memoriam: Annette Kolodny, 1941-2019. Asle , 2019. Disponível em: < https://www.asle.org/stay-informed/asle-news/in-memoriam-dr-annette-kolodny-1941-2019/ >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Audrey Thomas	Romancista e contista canadense, cujas histórias giram em torno principalmente de personagens mulheres.	BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Audrey Thomas. Encyclopedia Britannica , 2022.

		Disponível em: < https://www.britannica.com/biography/Audrey-Thomas >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Charlotte Perkins Gilman	Escritora feminista norte-americana, que foi uma das principais teóricas do movimento pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos. Ela escreveu clássicos como o conto “O Papel de Parede Amarelo” e o romance “Terra das Mulheres”.	BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Charlotte Perkins Gilman. Encyclopedia Britannica , 2022. Disponível em: < https://www.britannica.com/biography/Charlotte-Perkins-Gilman >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Diane McGuiness	Psicóloga cognitiva, educadora e escritora norte-americana, conhecida por seus estudos sobre o ensino da leitura.	DIANE McGuiness. Prabook . Disponível em: < https://prabook.com/web/diane.mcguinness/3757420 >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Dorothy Smith	Socióloga canadense, que se destacou ao desenvolver a teoria feminista do ponto de vista.	RISEN, Clay. Dorothy E. Smith, Groundbreaker in Feminist Sociology, Dies at 95. The New York Times , 2022. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2022/06/16/education/dorothy-e-smith-dead.html?smid=url-share >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Gabrielle Roy	Autora canadense, considerada uma das principais figuras da literatura franco-canadense, que é conhecida por sua habilidade em retratar as esperanças e	BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Gabrielle Roy. Encyclopedia

	frustrações dos pobres.	Britannica , 2022. Disponível em: < https://www.britannica.com/biography/Gabrielle-Roy >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Inanna	Antiga deusa mesopotâmica, que era considerada a deusa do sexo e do amor e associada à fertilidade, à prostituição e às batalhas, sendo conhecida também sob os epítetos de Deusa do Amor, Estrela da Manhã e Estrela da Tarde.	DUPLA, Simone Aparecida. OS DOMÍNIOS DE INANNA: PERMANÊNCIAS DE UM CULTO AO SAGRADO FEMININO NA MESOPOTÂMIA. História. Questões e Debates , v. 57, p. 193-212, 2012. Disponível em: < https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/30560/19756#:~:text=Inanna%20era%20a%20deusa%20do,Manh%C3%A3%20e%20Estrela%20da%20Tarde >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Jacques Erhmann	Teórico literário francês, que foi membro do corpo docente do Departamento de Francês da Universidade de Yale de 1961 até sua morte em 1972.	JACQUES Ehrmann. <i>In</i> : WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Jacques_Ehrmann >. Acesso em: 29 jan. 2023.
James Watson	Cientista norte-americano, que foi um dos 3 laureados do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1962. Ele é um dos autores da estrutura em dupla hélice do DNA.	LARA, Fernanda Barbieri de. James Watson. Unicentro , 2019. Disponível em: < https://www3.unicentro.br/petfisica/2019/03/13/james-watson-1928/ >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Joanna Russ	Escritora norte-americana, conhecida por seu trabalho na ficção científica feminista,	MCCLAY, B. D.. Joanna Russ, the Science-Fiction Writer

	principalmente por sua obra mais famosa, "The Female Man".	Who Said No. The New Yorker , 2020. Disponível em: < https://www.newyorker.com/books/under-review/joanna-russ-the-science-fiction-writer-who-said-no >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Kate Millett	Escritora e ativista norte-americana, que é considerada uma das vozes mais influentes da segunda onda do feminismo. Sua obra mais famosa, "Sexual Politics", faz uma análise do poder patriarcal dentro da cultura ocidental.	BINDEL, Julie. Kate Millett obituary. The Guardian , 2017. Disponível em: < https://www.theguardian.com/world/2017/sep/07/kate-millett-obituary >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Lorraine McMullen	Lorraine McMullen é professora emérita do Departamento de Inglês da Universidade de Ottawa e professora adjunta da Universidade de Victoria.	LORRAINE McMullen. 49th Shelf , 2023. Disponível em: < https://49thshelf.com/Contributors/M/McMullen-Lorraine >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Louise Forsyth	Professora e teórica canadense, que atuou na Western University e na Universidade de Saskatchewan.	LOUISE H. Forsyth. Playwrights Canada Press , 2023. Disponível em: < https://www.playwrightscanada.com/Authors/F/Forsyth-Louise-H >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Luce Irigaray	Filósofa, linguista e psicanalista belga, cuja obra se relaciona com os estudos feministas.	COSSI, Rafael Kalaf. Luce Irigaray e a Psicanálise: uma crítica feminista. Gerais, Rev. Interinst. Psicol. , Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 319-337, dez. 2019. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script

		=sci_arttext&pid=S1983-82202019000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2023.
Madeleine Gagnon	Educadora, crítica literária e escritora de Quebec.	MADELEINE Gagnon. <i>In</i> : WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Madeleine_Gagnon >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Margaret Atwood	Romancista, poeta, contista, ensaísta e crítica literária canadense, que é internacionalmente reconhecida. Suas obras foram traduzidas para mais de 30 línguas. Seu romance mais famoso é o “O Conto da Aia”, uma distopia que retrata as relações de poder entre homens e mulheres.	MARGARET Atwood. British Council . Disponível em: < https://literature.britishcouncil.org/writer/margaret-atwood >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Martha Ostenso	Romancista norueguesa-americana, cuja obra mais famosa é o seu primeiro romance, “Wild Geese”. O livro acompanha um professor enviado para dar aulas em Manitoba, no Canadá.	MARTHA Ostenso. Minnesota Writers on the Map . Disponível em: < https://mnwritersmap.org/martha-ostenso >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Mary Daly	Filósofa e teóloga norte-americana, pioneira na teologia feminista radical.	STEFON, Matt. Mary Daly. Encyclopedia Britannica , 2023. Disponível em: < https://www.britannica.com/biography/Mary-Daly >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Mary Ellman	Escritora e crítica literária norte-americana, cuja obra mais conhecida é o livro de ensaios, “Thinking About Women”, que discute a evolução da representação da feminilidade na	MARY Ellman. <i>In</i> : WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Mary_Ellman >.

	literatura britânica e americana, exibindo analogias e estereótipos sexuais dos textos e contrastando críticas de autores e autoras.	n>. Acesso em: 29 jan. 2023.
Nicole Brossard	Poeta, romancista e ensaísta franco-canadense, cujo trabalho explora temas feministas.	NICOLE Brossard. Poetry in voice . Disponível em: < https://poetryinvoice.ca/read/poets/nicole-brossard >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Percy B. Shelley	Um dos mais importantes poetas românticos da Inglaterra. Sua segunda esposa foi a romancista Mary Shelley, filha do filósofo William Godwin e da escritora e ativista Mary Wollstonecraft, que escreveu “A Vindication of the Rights of Woman”. Mary Shelley é considerada a primeira escritora de ficção científica da história, pela publicação da sua obra mais famosa, “Frankenstein”.	RAMOS, Thaciane Rollemberg. Mary Shelley. Info Escola . Disponível em: < https://www.infoescola.com/escritores/mary-shelley/ > Acesso em: 17 fev. 2023. SANTANA, Ana Lucia. Percy Bysshe Shelley. Info Escola . Disponível em: < https://www.infoescola.com/biografias/percy-bysshe-shelley/ >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Pitseolak Ashoona	Artista canadense Inuk, com um extenso corpo de trabalho. Ela foi membro da Royal Canadian Academy of Arts.	PITSEOLAK Ashoona. Dorset Fine Arts . Disponível em: < https://www.dorsetfinearts.com/pitseolak-ashoona >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Platão	Discípulo de Sócrates e um dos mais importantes filósofos da Grécia Antiga. Na sua obra, “A República”, ele apresenta as suas teses sobre a política e a justiça.	PLATÃO. Mundo Educação , 2023. Disponível em: < https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/platao.htm >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Roland Barthes	Escritor, sociólogo, filósofo, crítico literário e semiólogo francês, que	ROLAND Barthes. Tiro de Letra , 2023.

	foi um dos teóricos da escola estruturalista. Sua obra é caracterizada pela reflexão sobre a condição histórica da linguagem literária.	Disponível em: < http://www.tirodeletra.com.br/biografia/RolandBarthes.htm >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Sheila Rowbotham	Historiadora do feminismo e dos movimentos sociais radicais, uma das mais importantes pensadoras feministas da Grã-Bretanha.	SHEILA Rowbotham. Verso . Disponível em: < https://www.versobooks.com/authors/713-sheila-rowbotham >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Simone de Beauvoir	Filósofa e escritora francesa, que é considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno. Sua obra “O Segundo Sexo” é um dos grandes clássicos do movimento feminista.	DIANA, Daniela. Simone de Beauvoir. Toda Matéria , 2023. Disponível em: < https://www.todamatéria.com.br/simone-de-beauvoir/ >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Suzanne Lamy	Educadora, ensaísta e crítica francesa, mais conhecida por seus dois ensaios: “D’elles” e “Quand je lis je m’invente”, que contribuíram para o desenvolvimento da crítica feminista em Quebec.	SUZANNE Lamy. <i>In</i> : WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Suzanne_Lamy >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Virginia Woolf	Escritora modernista britânica, cuja obra é conhecida pelo uso do monólogo interior e do fluxo de consciência. Na crítica feminista, seu texto mais famoso é o ensaio “Um Teto Todo Seu”.	VIRGINIA Woolf. Brasil Escola , 2023. Disponível em: < https://brasilecola.uol.com.br/literatura/virginia-woolf.htm >. Acesso em: 29 jan. 2023.
Willa Cather	Escritora norte-americana, que alcançou reconhecimento por romances como “O Pioneers!”, “My Antonia” e “The Song of the Lark”.	WILLA Cather's Biography. Willa Cather Center . Disponível em: < https://www.willacather.org/willa-cathers-biography >. Acesso em: 29 jan. 2023.

ANEXO B - TEXTO FONTE

REDRAWING THE CIRCLE
POWER, POETICS, LANGUAGE.¹

Barbara Godard

My subject is ideology and language which I shall approach through women's writing and feminist literary criticism.

There are many who challenge the conjunction of the label of a political movement — feminism² — and an aesthetic artifact — literature. They would insist on the autonomy of the work of art, of its freedom from the "shackles" of ideology that would reduce it to mere rhetoric and undermine its aesthetic qualities. Others — and I would include myself among them — concur with Roland Barthes when he writes that "It is virtually impossible to deal with literary creation without postulating the existence of a relation between the work and something besides the work."³ Feminist criticism makes this "something else" explicit and reveals its substructure of theories, assumptions and values — implicit in any critical theory. By exposing them deliberately, we can face the methodological implications of the assumptions underpinning this feminist discourse. After all, every theory of language implies a whole philosophy of history: every form of practice implies and presupposes a form of theory whose denial is a mask. The silence of this mask, and not ideology, continues Barthes, is "the capital sin in criticism." Feminist criticism would argue that silence has also been the capital sin of patriarchal ideology which has consistently denied the fact of sexual difference in the name of a centre, of a principle of identity. Homogeneity, objectivity are the values used to support aesthetic judgments of "good" or "beautiful." Feminist criticism aims to unmask this objectivity by insisting that all judgments are context-bound, and that sex and gender are important factors in establishing this context. This is because of the systematic repression and appropriation of women over the centuries in our western society.

BARBARA GODARD

In *Power Politics*, Margaret Atwood offers a cynical view of the relationship between power and language, symptomatic of her position as woman.

We hear nothing these days
from the ones in power

Why talk when you are a shoulder
or a vault

Why talk when you are
helmeted with numbers

Firsts have many forms;
a fist knows what it can do
without the nuisance of speaking:
it grabs and smashes.

From those inside or under
words gush like toothpaste.

Language, the fist
proclaims by squeezing
is for the weak only.⁴

For her, language is not performative. The gender markers it encodes assign to woman "negative semantic space."⁵ This lack of faith in the signifying potentials of language is a problem for a poet. Atwood's position contrasts markedly with Shelley's belief in the power of the word when he proclaimed that "poets are the unacknowledged legislators of the world,"⁶ male poets, at least. Here Shelley was following Plato's recognition of the force of language, though inverting the aim of the argument. For Plato banished poets from his republic because their power threatened to subvert its established order. Plato also excluded women from full participation in politics and intellectual activity because their private household speech lacked form and could not be considered truth. Like poetry, mere opinion did not appeal to the mind, site of all he thought best in human activity.⁷ With Plato originates the segregation of women's speech in the private sphere away from the seat of government and formal utterances, a separation that has led to power over the former, as Atwood's poem reminds us.

The power of language is reiterated in another strand of the Western tradition. Words become worlds when God speaks. Creation is linked to the oral utterance which becomes fiat in its written form, the books of the law. A "new testament" is necessary when a revolution in belief occurs, when the word is recreated, is "made flesh" and translated into action. Here the word is mediated through the passive female body which reproduces a male divinity rather than producing words. Mary, like Plato's women is silent, "pondering all these things

REDRAWING THE CIRCLE

in her heart." Forgotten are the days when god was a woman, when Inanna, queen of heaven, by power of her decrees, enters and becomes queen of the netherworld, bringing forth from there the tablets and styluses to record the written word.⁸ Language has become problematic for Atwood,⁹ because of the activity of the word in the extreme mode of God's invasion of the other. Backed by greater physical force — the fist "grabs and smashes" — power has been exercised *over* women. Atwood's poem invites us to see the individual feminine text in terms of the dialogue of conflicting social classes, that is as the opposed, marginalized voice confronting the hegemonic class. By clearly exploring this confrontation, Atwood becomes conscious of the problem of authority. It is an issue which she must face, if she herself is to become an author, an "authority."

Although a pressing issue for women writers, it is essential for all women to raise questions about the nature of language and power. Sheila Rowbotham summarizes the issue:

(Language) is one of the instruments of domination . . . It speaks only for (the) world (of the oppressors), from their point of view. Ultimately a revolutionary movement has to break the hold of the dominant group over theory, it has to structure its own connections. Language is part of the political and ideological power of rulers . . . We can't just occupy existing words. We have to change the meanings of words even before we take them over."¹⁰

Women's long silence, or ineffectual speech, may be an advantage here in constituting a challenge to present economic and political systems in feminists' denunciation of the appropriating subject and of rigid subject/object boundaries. But there is still an inherent paradox in this. How can one be an object, be constructed by that ruling discourse and still constitute an opposition to it, be outside enough to mark an alternative? If outside, how can one be heard at all? But the creation of new worlds in words is the essence of writing, which seeks always to question the cliché or convention, to deconstruct figures of rhetoric or reading. By following the paths of women writers, I would suggest, we shall discover how they are claiming the prerogative of naming so that we can begin to see and live afresh. We shall find some of the "fiction which (would) make us real".¹¹ These selves-in-becoming-in-words redraw the circle for us, shift the relationships of centre and periphery, of authoritative word and marginal silence.

How to write as a women? This is a question women writers have been asking for some time, indeed it is the only question they *must* ask, the precondition of their finding a voice at all in which to speak, or they remain spoken in the words of men. Phrased variously as: how to write at all if one is a woman confronted with a literary institution which would silence her, and how to write the difference explicit in her sexuality into the text when her very femaleness signals her status as object not subject¹² — these questions are now being raised by

BARBARA GODARD

consciousness is a way of ensuring that we do not become fixed into a representation by ideology. In such perpetual undercutting of positions, our focus is on the process of production of meaning. An illusion of opening is created by this recursive paradigm.

Department of English
York University

Notes

1. In critical texts, the usual mode of intertextuality is quotation. In this text, I have made use of allusion. The texts I am working with range from French feminist theory, Quebec literary practice and theory and general anglo-american feminist criticism. For a more detailed working out of the relationships between these differing groups, see my forthcoming "Mapmaking: A survey of Feminist Criticism," in *Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women* (Downsview: ECW, 1984). Here I am weaving them all together. Thanks to Daphne Read for her dialogue.
2. Before turning to the question of critical theory we might well pause a moment to consider the issue of feminism. What we mean by the term undoubtedly varies. Generally, feminism is a movement and in so far as some of its followers have engaged in philosophical analysis it also gives rise to theory. In that it articulates the opinions and attitudes formed within a group in order to defend and promote its interests, feminism is the expression of the world-view of that social group, that is an ideology. Intrinsic to feminism is women's sense of grievance, an awareness of oppression, an awareness that women suffer systematic social injustice because of their sex. This awareness depends on a belief in and commitment to the ideal of equality. Under this broad umbrella are to be found a variety of feminisms, differing in their analysis of the grounds for female oppression, of what constitutes the locus of reality for the female. Does oppression originate in social conventions and legal systems which can be changed by reforming the laws and educating the young to overcome gender bias? Or is the oppression biological in origin, rooted in sex differences and eternally immutable? Is the oppression privatized, psychological, its genesis in the basic impulses and instincts of the Oedipal phase important for the separation, the difference, that forms the subject, developmental process from which females — undifferentiated from their mothers, from nature — are excluded? Does this exclusion then perpetuate itself in the symbolic systems and language of our culture, or do these systems and this language "speak" us out of them, because they have been formed and perpetuated in male institutions? Or is this oppression grounded in the material conditions of our economic system where capitalism has appropriated woman's labour whether inside or outside the home, reified her, made her a commodity?
The replies to this question about the Real have given rise to the various current streams of feminism which have taken divergent courses. One has confronted the issue of dominance, seeking for women the rights and privileges normally held by men in society. This has been the tactic of both liberal reformers with their call for Equal Rights and Marxists with their subordination of women's struggle to the broader class struggle against capitalism. An opposing stream of radical feminism, socialist feminists and lesbian feminists, has sought for women a special status which would be equally valued. Attempting to define the specificity of women, they emphasize the fact of difference. For a Canadian version of this latter see Angela Miles and Geraldine Finn's *Feminism in Canada: From Pressure to Politics* (Montreal: Black Rose, 1983).
3. Roland Barthes, "History of Literature ?" in *On Racine*, trans. Richard Howard (New York: Hill & Wang, 1964), p. 163

REDRAWING THE CIRCLE

4. Margaret Atwood, *Power Politics* (Toronto: Anansi, 1972), p. 31.
5. Dale Spender, *Man Made Language* (London: Routledge & Kegan Paul, 1980), p. 19.
6. Percy B. Shelley, *A Defence of Poetry* (1821).
7. Plato, *The Republic*.
8. Samuel N. Kramer, *Sumerian Mythology* (Rev. ed. New York: Harper, 1961), pp. 93 and 95, also Merlin Stone, *When God Was a Woman* (New York: Harcourt, Brace, Janovich, 1976).
9. While it is a heavy burden to place on a single Atwood poem, to develop my thesis on her view of power politics, this doesn't distort her view of language. Generally, she is suspicious of the word and locates truth or meaning in gesture not word. I have been working at greater length on this subject in "Dream of a Common Language: Atwood and Brossard."
10. Sheila Rowbotham, *Woman's Consciousness, Man's World* (Harmondsworth: Penguin, 1973), pp. 32-33.
11. Margaret Laurence in Kroetsch, et. al., *Creation* (Toronto: New press, 1979), p. 63. It is also a phrase of Nicole Brossard's found in *These Our Mothers* (Toronto: Coach House, 1983), *L'Amèr* (Montreal: Quinze, 1975).
12. I am picking up here on the controversial issue of the female subject which follows from Jacques Lacan's suggestion that discourse is a grammar of the self. The self or subject is split into a "je" or "ça" both participating in the production of discourse. While "je" produces discourse, "ça" speaking makes a latent signified perceptible through metaphor and results in the discovery of signification. Lacan's insistence on the primacy of the Oedipal complex in the split of the subject, in the development of the possibility of differential analysis, has seemingly excluded women from the production of discourse. (*Écrits*, Paris: Seuil, 1970) French feminists such as Luce Irigaray have attacked this primacy of the phallus as signifier, "phallogocentrism", and suggested other modes of female differentiation on which to found a grammar of the self. Irigaray images a female doubling in the two lips speaking, lips of the mouth or of the vagina in *Ce sexe qui n'en est pas un* (Paris: Minuit, 1977), p. 26. She advocates a serial concept of difference rather than a binary one that results in hierarchies. Julia Kristeva offers another model in the female body doubling and splitting in pregnancy. ("Women's Time," trans. by Alice Jardine, *Signs*, 7, 1 (Autumn 1981), pp. 13-35). Nicole Brossard offers another version in *These Our Mothers* (Toronto, 1983) in the separation of the child from the mother's breast.
13. See for example Judith Fetterley, *The Resisting Reader* (Bloomington: Indiana University Press, 1978). Also Lorraine Weir, "Towards a Feminist Hermeneutic," forthcoming in *Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women*. (Downsview: ECW, 1984).
14. Dorothy Smith, "An Analysis of Ideological Structures: How Women Are Excluded: Considerations for Academic Women," *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 12 (November 1975), p. 353. The circle metaphor is from Smith as well as from an unpublished talk by Nicole Brossard. The applications of it, however, are my own. Smith goes on to say: "the universe of ideas, images and themes — the symbolic modes which are the general currency of thought — have been either produced by men or controlled by them. In so far as women's work and experience has entered into it, it has been on terms decided by men and because it has been approved by men." Women have access and participate in the educational and literary institutions as marginals. "Their training and education ensure that at every level of competence and leadership there will be a place for them which is inferior and subordinate to the positions of men."
15. Luce Irigaray, "Pouvoir du discours: subordination du féminin," in *Ce Sexe qui n'en est pas un* (Paris: Minuit, 1977), p. 65-82.
16. Myra Jehlen, "Archimedes and the Paradox of Feminist Criticism," (*Signs*, 1981) quoted by Louise Forsyth, "The Fusion of Reflexive Writing and Theoretical Reflection: Nicole Brossard and Feminist Criticism in Quebec." Unpublished paper, 1981, p. 2.

ANEXO C - TRADUÇÃO

REDESENHANDO O CÍRCULO: PODER, POÉTICA E LINGUAGEM.⁵

Barbara Godard

Tradução de Lavinia Santos Cardoso

O meu tema é a ideologia e a linguagem, que abordarei por meio da escrita feminina e da crítica literária feminista.

Há muitos que desafiam a conjuntura do rótulo de um movimento político — feminismo⁶ — e de um artefato estético — literatura. Eles insistiriam na autonomia

⁵ Em textos críticos, a forma mais comum de intertextualidade é a citação. Neste texto, fiz uso de alusões. Os textos com os quais estou trabalhando vão desde a teoria feminista francesa, a teoria e prática literária de Quebec e a crítica feminista anglo-americana em geral. Para um trabalho mais detalhado das relações entre esses diferentes grupos, veja meu texto "Mapmaking: A survey of Feminist Criticism", em "Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women" (Downsview: ECW, 1984). Aqui estou tecendo-os todos juntos. Obrigada a Daphne Read pelo diálogo.

⁶ Antes de nos voltarmos para a questão da teoria crítica, podemos fazer uma pausa para considerar a questão do feminismo. O que queremos dizer com o termo, sem dúvida, varia. De forma geral, o feminismo é um movimento e, enquanto alguns de seus seguidores se engajaram na análise filosófica, também deu origem à teoria. Na medida em que articula as opiniões e atitudes formadas dentro de um grupo para defender e promover seus interesses, o feminismo é a expressão da visão de mundo desse grupo social, ou seja, uma ideologia. Intrínseco ao feminismo é o senso de queixa das mulheres, uma consciência da opressão, uma consciência de que as mulheres sofrem injustiça social sistemática devido ao seu sexo.

Essa consciência depende da crença e do compromisso com o ideal de igualdade. Sob esse amplo guarda-chuva encontram-se uma variedade de feminismos, diferindo em suas análises dos fundamentos da opressão feminina, do que constitui o locus da realidade para a mulher. A opressão se origina em convenções sociais e sistemas jurídicos que podem ser alterados com a reforma das leis e a educação de jovens para superar o preconceito de gênero? Ou a opressão é de origem biológica, enraizada nas diferenças sexuais e eternamente imutável? A opressão é privatizada, psicológica? Sua gênese nos impulsos e instintos básicos da fase edipiana é importante para a separação, a diferença que forma o sujeito, o processo de desenvolvimento do qual as mulheres — indiferenciadas de suas mães, por natureza — são excluídas? Essa exclusão então se perpetua nos sistemas simbólicos e na linguagem de nossa cultura? Ou esses sistemas e essa linguagem nos "falam" deles, já que foram formados e perpetuados em instituições masculinas? Ou essa opressão está fundamentada nas condições materiais de nosso sistema econômico, onde o capitalismo se apropriou do trabalho da mulher dentro ou fora de casa, reificou-a e transformou-a em mercadoria?

As respostas a essa pergunta sobre o que é verdade deram origem às várias correntes feministas atuais que tomaram rumos divergentes. Alguém confrontou a questão do domínio, buscando para as mulheres os direitos e privilégios normalmente detidos pelos homens na sociedade. Essa tem sido a

da obra de arte e na sua libertação das "algemas" da ideologia que a reduziriam à mera retórica e minariam as suas qualidades estéticas. Outros — e eu me incluíria entre eles — concordam com Roland Barthes quando ele escreve que "É praticamente impossível abordar a criação literária sem postular a existência de uma relação entre a obra e algo que não seja a obra"⁷. A crítica feminista torna explícito este "algo mais" e revela a sua subestrutura de teorias, pressupostos e valores - implícitos em qualquer teoria crítica. Ao expô-los deliberadamente, podemos enfrentar as implicações metodológicas dos pressupostos subjacentes a esse discurso feminista. Afinal, toda teoria da linguagem implica uma filosofia da história: toda forma de prática implica e pressupõe uma forma de teoria cuja negação é uma máscara. O silêncio dessa máscara, e não a ideologia, continua Barthes, é "o pecado capital da crítica". A crítica feminista argumentaria que o silêncio também foi o pecado capital da ideologia patriarcal, que negou consistentemente o fato da diferença sexual em nome de um centro, de um princípio de identidade. Homogeneidade e objetividade são os valores usados para apoiar julgamentos estéticos do que é "bom" ou "belo". A crítica feminista visa desmascarar essa objetividade, insistindo que todos os julgamentos estão ligados ao contexto e que o sexo e o gênero são fatores importantes para estabelecer esse contexto. Isso se deve à repressão e apropriação sistemática das mulheres ao longo dos séculos em nossa sociedade ocidental.

Em "Políticas do Poder", Margaret Atwood oferece uma visão cínica da relação entre poder e linguagem, sintomática de sua posição como mulher.

Nós nada ouvimos esses dias
daqueles que estão no poder

Por que falar quando você é um ombro

tática tanto dos reformadores liberais com seu apelo por direitos iguais quanto dos marxistas com sua subordinação da luta das mulheres à luta de classes mais ampla contra o capitalismo. Uma corrente diferente do feminismo radical, por meio das feministas socialistas e das feministas lésbicas, buscou para as mulheres uma posição especial que seria igualmente valorizada. Tentando definir a especificidade das mulheres, elas enfatizam o fato da diferença. Para uma versão canadense sobre esse assunto, veja "Feminism in Canada From Pressure to Politics", de Angela Miles e Geraldine Finn (Montreal: Black Rose, 1983).

⁷ BARTHES, Roland. História ou Literatura? **Sobre Racine**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 199.

ou um cofre

Por que falar quando você
está protegido por números

Punhos têm muitas formas;
um punho sabe o que pode fazer

sem o incômodo de falar:
ele agarra e aperta.

Dos que estão dentro ou debaixo
as palavras jorram como pasta de dente.

Linguagem, o punho
proclama ao apertar
é apenas para os fracos.⁸

Para ela, a linguagem não é performativa. Os marcadores de gênero que ela codifica atribuem à mulher "espaços semânticos negativos"⁹. Essa falta de fé nos potenciais significativos da linguagem é um problema para uma poeta. A posição de Atwood contrasta fortemente com a crença de Shelley no poder da palavra quando ele proclamou que "os poetas são os legisladores não reconhecidos do mundo"¹⁰, os poetas homens, pelo menos. Aqui Shelley estava seguindo o reconhecimento de Platão em relação à força da linguagem, embora invertendo o objetivo do argumento. Pois Platão baniu os poetas de sua república porque o poder deles ameaçava subverter a ordem já estabelecida. Platão também excluiu as mulheres da plena participação na política e na atividade intelectual porque o discurso doméstico e privado delas carecia de forma e não podia ser considerado verdadeiro. Como a

⁸ ATWOOD, Margaret. **Políticas do Poder**: Poemas. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

⁹ SPENDER, Dale. **Man Made Language**. London: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 19.

¹⁰ SHELLEY, Percy B.. **A Defence of Poetry**. 1821.

poesia, a mera opinião não apelava à mente, o lugar de tudo o que ele pensava de melhor na atividade humana¹¹. Com Platão, origina-se a segregação do discurso das mulheres na esfera privada, longe da sede do governo e das expressões formais, uma separação que levou os homens ao poder sobre as mulheres, como nos lembra o poema de Atwood.

O poder da linguagem é reiterado noutra vertente da tradição ocidental. As palavras se tornam mundos quando Deus fala. A criação está ligada ao enunciado oral que se torna um decreto na sua forma escrita, os livros da lei. Um "novo testamento" é necessário quando ocorre uma revolução na crença, quando o verbo é recriado, é "feito carne"¹², traduzido em ação. Aqui, a palavra é mediada pelo corpo feminino e passivo, que reproduz uma divindade masculina em vez de produzir palavras. Maria, como as mulheres de Platão, está em silêncio, "meditando todas estas palavras no seu coração"¹³. Esquecidos são os dias em que deus era uma mulher, quando Inanna, rainha do céu, pelo poder de seus decretos, entra e se torna rainha do submundo, trazendo de lá as tábuas e estiletos para registrar a palavra escrita¹⁴. A linguagem tornou-se problemática para Atwood¹⁵ por causa da atividade da palavra no modo extremo de invasão de Deus ao outro. Apoiado por uma maior força física — o punho "agarra e aperta" — o poder foi exercido *sobre* as mulheres. O poema de Atwood nos convida a ver o texto feminino individual em termos do diálogo entre classes sociais conflitantes, isto é, como a voz oposta e marginalizada confrontando a classe hegemônica. Ao explorar abertamente esse confronto, Atwood toma consciência do problema da autoridade. É uma questão que ela deve enfrentar, se quiser se tornar uma autora, uma "autoridade".

¹¹ PLATÃO. **A República**.

¹² N. da T.: possível referência ao versículo João 1:14, da Bíblia: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Tradução de João Ferreira de Almeida).

¹³ N. da T.: possível referência a Lucas 2:19, da Bíblia: "Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração" (Tradução de João Ferreira de Almeida).

¹⁴ KRAMER, Samuel N. **Sumerian Mythology**. rev. ed. New York: Harper, 1961. p. 93, 95. STONE, Merlin. **When God Was a Woman**. New York: Harcourt, Brace, Janovich, 1976.

¹⁵ Embora seja um fardo pesado para ser colocado em um único poema de Atwood, ao desenvolver minha tese sobre sua visão sobre as políticas de poder, isso não distorce a visão da autora sobre a linguagem. De forma geral, ela desconfia da palavra e localiza a verdade ou o significado no gesto, não na palavra. Tenho trabalhado mais detalhadamente sobre esse assunto em "Dream of a Common Language: Atwood and Brossard".

Embora seja uma questão premente para as escritoras, é essencial que todas as mulheres levantem questões sobre a natureza da linguagem e do poder. Sheila Rowbotham resume a questão:

“(A linguagem) é um dos instrumentos de dominação... Fala apenas pelo mundo (dos opressores), do ponto de vista deles. Em última análise, um movimento revolucionário tem que quebrar o domínio do grupo dominante sobre a teoria, tem que estruturar as suas próprias ligações. A linguagem faz parte do poder político e ideológico dos governantes... Não podemos apenas ocupar as palavras existentes. Temos de mudar o significado das palavras antes mesmo de as assumirmos”¹⁶¹⁷.

O longo silêncio das mulheres, ou o discurso ineficaz, pode ser uma vantagem aqui ao constituir um desafio para apresentar os sistemas econômicos e políticos na denúncia feminista do sujeito apropriador e das fronteiras rígidas entre sujeito/objeto. Mas ainda há um paradoxo inerente a isso. Como alguém pode ser um objeto, ser construído por esse discurso dominante e ainda constituir uma oposição a ele, estar fora o suficiente para estabelecer uma alternativa? Se estiver fora, como alguém pode ser ouvido? Mas a criação de novos mundos nas palavras é a essência da escrita, que procura sempre questionar o clichê ou a convenção e desconstruir figuras da retórica ou da leitura. Ao seguir os caminhos das escritoras, eu sugeriria que descobriremos como elas estão reivindicando a prerrogativa de nomear para podermos começar a ver e viver de novo. Encontraremos algumas das “ficções que (poderiam) nos tornar reais”¹⁸. Esses eus-tornando-se-palavras redesenham o círculo para nós, mudam as relações entre centro e periferia, entre palavra autoritária e silêncio marginal.

Como escrever como uma mulher? Essa é uma pergunta que as escritoras vêm fazendo há algum tempo, na verdade, é a única pergunta que elas *devem* fazer, a pré-condição para que encontrem uma voz para falar, ou elas permanecerão faladas nas palavras dos homens. Formulada de várias maneiras: como escrever se

¹⁶ ROWBOTHAM, Sheila. **Woman's Consciousness, Man's World**. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 32-33.

¹⁷ N. da T.: em inglês no ensaio de Godard. Com exceção da obra de Barthes e do poema de Atwood citados anteriormente, todas as citações em inglês ao longo do texto foram traduzidas para o português pela tradutora.

¹⁸ LAURENCE, Margaret. In: KROETSCH *et. al.* **Creation**. Toronto: New press, 1979, p. 63. É também uma frase de Nicole Brossard, encontrada em “These Our Mothers” (Toronto; Coach House, 1983) e “L'Amèr” (Montreal: Quinze, 1975).

alguém é uma mulher confrontada com uma instituição literária que a silenciaria, e como escrever a diferença explícita em sua sexualidade no texto quando sua própria feminilidade sinaliza sua posição de objeto e não de sujeito¹⁹ — essas questões estão sendo levantadas por críticas feministas que estão refletindo em voz alta sobre o que significa ler como mulher²⁰. Qual é a implicação dessa diferença em termos de falarmos ou escrevermos sobre o trabalho das mulheres escritoras (ou, inclusive, dos homens escritores)? Se alguém se dedica a uma leitura diferente e diferenciada da escrita feminina, que impacto isso tem na prática da crítica literária, uma atividade realizada nos círculos das instituições acadêmicas e literárias?

¹⁹ Estou retomando aqui a polêmica questão do sujeito feminino que decorre da sugestão de Jacques Lacan de que o discurso é uma gramática do "eu". O "eu" ou sujeito é dividido em um "je" ou "ça", ambos participando da produção do discurso. Enquanto o "je" produz o discurso, a fala do "ça" torna um significado latente perceptível por meio da metáfora e resulta na descoberta da significação. A insistência de Lacan na primazia do complexo de Édipo na divisão do sujeito, no desenvolvimento da possibilidade de análise diferencial, aparentemente excluiu as mulheres da produção do discurso (Écrits, Paris: Seuil, 1970). Feministas francesas como Luce Irigaray atacaram essa primazia do falo como significante, "falocentrismo", e sugeriram outros modos de diferenciação feminina sobre os quais fundar uma gramática do "eu". Irigaray imagina uma mulher se duplicando em dois lábios falantes, os lábios da boca ou da vagina, em "Cesexes qui n'en est pas un" (Paris: Minuit, 1977. p. 26). Ela defende um conceito variado de diferença em vez de um conceito binário que resulta em hierarquias. Julia Kristeva oferece outro modelo de duplicação e divisão do corpo feminino durante a gravidez (KRISTEVA, Julia. *Women's Time*. Translated by Alice Jardine. *Signs*, Vol. 7, No 1. Autumn, 1981, p. 13-35). Nicole Brossard oferece outra versão em "These Our Mothers" (Toronto, 1983), por meio da separação da criança do seio da mãe.

²⁰ Veja, por exemplo, "The Resisting Reader" de Judith Fetterley (Bloomington: Indiana University Press, 1978). Também, "Towards a Feminist Hermeneutic", de Lorraine Weir, em "Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women" (Downsview: ECW, 1984).

ANEXO D - TRADUÇÃO EM QUADRO BILÍNGUE

	Texto Fonte (EN)	Texto Alvo (PT-BR)
1	REDRAWING THE CIRCLE POWER, POETICS, LANGUAGE. 1	REDESENHANDO O CÍRCULO: PODER, POÉTICA E LINGUAGEM. 1
2	Barbara Godard	Barbara Godard
3	My subject is ideology and language which I shall approach through women's writing and feminist literary criticism.	O meu tema é a ideologia e a linguagem, que abordarei por meio da escrita feminina e da crítica literária feminista.
4	There are many who challenge the conjunction of the label of a political movement - feminism 2 - and an aesthetic artifact - literature.	Há muitos que desafiam a conjuntura do rótulo de um movimento político — feminismo 2 — e de um artefato estético - literatura.
5	They would insist on the autonomy of the work of art, of its freedom from the "shackles" of ideology that would reduce it to mere rhetoric and undermine its aesthetic qualities.	Eles insistiriam na autonomia da obra de arte e na sua libertação das "algemas" da ideologia que a reduziriam à mera retórica e minariam as suas qualidades estéticas.
6	Others - and I would include myself among them - concur with Roland Barthes when he writes that "It is virtually impossible to deal with literary creation without postulating the existence of a relation between the work and something besides the work". ³ Feminist criticism makes this "something else" explicit and reveals its substructure of theories, assumptions and values - implicit in any critical theory.	Outros — e eu me incluíria entre eles — concordam com Roland Barthes quando ele escreve que "É praticamente impossível abordar a criação literária sem postular a existência de uma relação entre a obra e algo que não seja a obra". ³ A crítica feminista torna explícito este "algo mais" e revela a sua subestrutura de teorias, pressupostos e valores — implícitos em qualquer teoria crítica.
7	By exposing them deliberately, we can face the methodological implications of the assumptions underpinning this feminist discourse.	Ao expô-los deliberadamente, podemos enfrentar as implicações metodológicas dos pressupostos subjacentes a esse discurso feminista.

8	After all, every theory of language implies a whole philosophy of history: every form of practice implies and presupposes a form of theory whose denial is a mask.	Afinal, toda teoria da linguagem implica uma filosofia da história: toda forma de prática implica e pressupõe uma forma de teoria cuja negação é uma máscara.
9	The silence of this mask, and not ideology, continues Barthes, is "the capital sin in criticism".	O silêncio dessa máscara, e não a ideologia, continua Barthes, é "o pecado capital da crítica".
10	Feminist criticism would argue that silence has also been the capital sin of patriarchal ideology which has consistently denied the fact of sexual difference in the name of a centre, of a principle of identity.	A crítica feminista argumentaria que o silêncio também foi o pecado capital da ideologia patriarcal, que negou consistentemente o fato da diferença sexual em nome de um centro, de um princípio de identidade.
11	Homogeneity, objectivity are the values used to support aesthetic judgments of "good" or "beautiful."	Homogeneidade e objetividade são os valores usados para apoiar julgamentos estéticos do que é "bom" ou "belo".
12	Feminist criticism aims to unmask this objectivity by insisting that all judgments are context-bound, and that sex and gender are important factors in establishing this context.	A crítica feminista visa desmascarar essa objetividade, insistindo que todos os julgamentos estão ligados ao contexto e que o sexo e o gênero são fatores importantes para estabelecer esse contexto.
13	This is because of the systematic repression and appropriation of women over the centuries in our western society.	Isso se deve à repressão e apropriação sistemática das mulheres ao longo dos séculos em nossa sociedade ocidental.
14	In Power Politics, Margaret Atwood offers a cynical view of the relationship between power and language, symptomatic of her position as woman.	Em "Políticas do Poder", Margaret Atwood oferece uma visão cínica da relação entre poder e linguagem, sintomática de sua posição como mulher.
15	We hear nothing these days	Nós nada ouvimos esses dias
16	from the ones in power	daqueles que estão no poder

17	Why talk when you are a shoulder	Por que falar quando você é um ombro
18	or a vault	ou um cofre
19	Why talk when you are	Por que falar quando você
20	helmeted with numbers	está protegido por números
21	Firsts have many forms;	Punhos têm muitas formas;
22	a fist knows what it can do	um punho sabe o que pode fazer
23	without the nuisance of speaking:	sem o incômodo de falar:
24	it grabs and smashes.	ele agarra e aperta
25	From those inside or under	Dos que estão dentro ou debaixo
26	words gush like toothpaste.	as palavras jorram como pasta de dente
27	Language, the fist	Linguagem, o punho
28	proclaims by squeezing	proclama ao apertar
29	is for the weak only. ⁴	é apenas para os fracos. 4
30	For her, language is not performative.	Para ela, a linguagem não é performativa.
31	The gender markers it encodes assign to woman "negative semantic spaces." ⁵ This lack of faith in the signifying potentials of language is a problem for a poet.	Os marcadores de gênero que ela codifica atribuem à mulher "espaços semânticos negativos". ⁵ Essa falta de fé nos potenciais significativos da linguagem é um problema para uma poeta.
32	Atwood's position contrasts markedly with Shelley's belief in the power of the word when he proclaimed that "poets are the unacknowledged legislators of the world," ⁶ male poets, at least.	A posição de Atwood contrasta fortemente com a crença de Shelley no poder da palavra quando ele proclamou que "os poetas são os legisladores não reconhecidos do mundo", ⁶ os poetas homens, pelo menos.
33	Here Shelley was following Plato's recognition of the force of language, though inverting the aim of the argument.	Aqui Shelley estava seguindo o reconhecimento de Platão em relação à força da linguagem, embora invertendo o objetivo do argumento.
34	For Plato banished poets from his republic because their power threatened to subvert its established order.	Pois Platão baniu os poetas de sua república porque o poder deles ameaçava subverter a ordem já estabelecida.
35	Plato also excluded women from full participation in politics and intellectual activity because their private	Platão também excluiu as mulheres da plena participação na política e na atividade intelectual porque o discurso doméstico e

	house-hold speech lacked form and could not be considered truth.	privado delas carecia de forma e não podia ser considerado verdadeiro.
36	Like poetry, mere opinion did not appeal to the mind, site of all he thought best in human activity. ⁷ With Plato originates the segregation of women's speech in the private sphere away from the seat of government and formal utterances, a separation that has led to power over the former, as Atwood's poem reminds us.	Como a poesia, a mera opinião não apelava à mente, o lugar de tudo o que ele pensava de melhor na atividade humana. ⁷ Com Platão, origina-se a segregação do discurso das mulheres na esfera privada, longe da sede do governo e das expressões formais, uma separação que levou os homens ao poder sobre as mulheres, como nos lembra o poema de Atwood.
37	The power of language is reiterated in another strand of the Western tradition.	O poder da linguagem é reiterado noutra vertente da tradição ocidental.
38	Words become worlds when God speaks.	As palavras se tornam mundos quando Deus fala.
39	Creation is linked to the oral utterance which becomes fiat in its written form, the books of the law.	A criação está ligada ao enunciado oral que se torna um decreto na sua forma escrita, os livros da lei.
40	A "new testament" is necessary when a revolution in belief occurs, when the word is recreated, is "made flesh" and translated into action.	Um "novo testamento" é necessário quando ocorre uma revolução na crença, quando o verbo é recriado, é "feito carne" [N. da T.: possível referência ao versículo João 1:14, da Bíblia: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Tradução de João Ferreira de Almeida).], traduzido em ação.
41	Here the word is mediated through the passive female body which reproduces a male divinity rather than producing words.	Aqui a palavra é mediada pelo corpo feminino passivo, que reproduz uma divindade masculina em vez de produzir palavras.
42	Mary, like Plato's women is silent, "pondering all these things in her heart."	Maria, como as mulheres de Platão, está em silêncio, "meditando todas estas palavras no seu coração" [N. da T.: possível referência a Lucas 2:19, da Bíblia: "Maria, porém, guardava todas estas palavras,

		meditando-as no coração” (Tradução de João Ferreira Almeida)].
43	Forgotten are the days when god was a woman, when Inanna, queen of heaven, by power of her decrees, enters and becomes queen of the netherworld, bringing forth from there the tablets and styluses to record the written word. ⁸ Language has become problematic for Atwood, ⁹ because of the activity of the word in the extreme mode of God's invasion of the other.	Esquecidos são os dias em que deus era uma mulher, quando Inanna, rainha do céu, pelo poder de seus decretos, entra e se torna rainha do submundo, trazendo de lá as tábuas e estiletes para registrar a palavra escrita. ⁸ A linguagem tornou-se problemática para Atwood ⁹ por causa da atividade da palavra no modo extremo de invasão de Deus ao outro.
44	Backed by greater physical force - the fist "grabs and smashes" - power has been exercised over women.	Apoiado por uma maior força física — o punho "agarra e aperta" — o poder foi exercido sobre as mulheres.
45	Atwood's poem invites us to see the individual feminine text in terms of the dialogue of conflicting social classes, that is as the opposed, marginalized voice confronting the hegemonic class.	O poema de Atwood nos convida a ver o texto feminino individual em termos do diálogo entre classes sociais conflitantes, isto é, como a voz oposta e marginalizada confrontando a classe hegemônica.
46	By clearly exploring this confrontation, Atwood becomes conscious of the problem of authority.	Ao explorar abertamente esse confronto, Atwood toma consciência do problema da autoridade.
47	It is an issue which she must face, if she herself is to become an author, an "authority."	É uma questão que ela deve enfrentar, se quiser se tornar uma autora, uma "autoridade".
48	Although a pressing issue for women writers, it is essential for all women to raise questions about the nature of language and power.	Embora seja uma questão premente para as escritoras, é essencial que todas as mulheres levantem questões sobre a natureza da linguagem e do poder.
49	Sheila Rowbotham summarizes the issue:	Sheila Rowbotham resume a questão:
50	(Language) is one of the instruments of domination...	“(A linguagem) é um dos instrumentos de dominação...

51	It speaks only for (the) world (of the oppressors), from their point of view.	Fala apenas pelo mundo (dos opressores), do ponto de vista deles.
52	Ultimately a revolutionary movement has to break the hold of the dominant group over theory, it has to structure its own connections.	Em última análise, um movimento revolucionário tem que quebrar o domínio do grupo dominante sobre a teoria, tem que estruturar as suas próprias ligações.
53	Language is part of the political and ideological power of rulers... We can't just occupy existing words.	A linguagem faz parte do poder político e ideológico dos governantes... Não podemos apenas ocupar as palavras existentes.
54	We have to change the meanings of words even before we take them over." 10	Temos de mudar o significado das palavras antes mesmo de as assumirmos." 10 [N. da T.: em inglês no ensaio de Godard. Com exceção da obra de Barthes e do poema de Atwood citados anteriormente, todas as citações em inglês ao longo do texto foram traduzidas para o português pela tradutora.]
55	Women's long silence, or ineffectual speech, may be an advantage here in constituting a challenge to present economic and political systems in feminists' denunciation of the appropriating subject and of rigid subject/object boundaries.	O longo silêncio das mulheres, ou o discurso ineficaz, pode ser uma vantagem aqui ao constituir um desafio para apresentar os sistemas econômicos e políticos na denúncia feminista do sujeito apropriador e das fronteiras rígidas entre sujeito/objeto.
56	But there is still an inherent paradox in this.	Mas ainda há um paradoxo inerente a isso.
57	How can one be an object, be constructed by that ruling discourse and still constitute an opposition to it, be outside enough to mark an alternative?	Como alguém pode ser um objeto, ser construído por esse discurso dominante e ainda constituir uma oposição a ele, estar fora o suficiente para estabelecer uma alternativa?
58	If outside, how can one be heard at all?	Se estiver fora, como alguém pode ser ouvido?
59	But the creation of new worlds in words is the essence of writing, which seeks always to question the cliché or convention, to deconstruct figures of rhetoric or reading.	Mas a criação de novos mundos nas palavras é a essência da escrita, que procura sempre questionar o clichê ou a convenção e desconstruir figuras da retórica ou da leitura.

60	By following the paths of women writers, I would suggest, we shall discover how they are claiming the prerogative of naming so that we can begin to see and live afresh.	Ao seguir os caminhos das escritoras, eu sugeriria que descobriremos como elas estão reivindicando a prerrogativa de nomear para podermos começar a ver e viver de novo.
61	We shall find some of the "fiction which (would) make us real". ¹¹ These selves-in-becoming-in-words redraw the circle for us, shift the relationships of centre and periphery, of authoritative word and marginal silence.	Encontraremos algumas das "ficções que (poderiam) nos tornar reais". ¹¹ Esses eus-tornando-se-palavras redesenham o círculo para nós, mudam as relações entre centro e periferia, entre palavra autoritária e silêncio marginal.
62	How to write as a women?	Como escrever como uma mulher?
63	This is a question women writers have been asking for some time, indeed it is the only question they must ask, the precondition of their finding a voice at all in which to speak, or they remain spoken in the words of men.	Essa é uma pergunta que as escritoras vêm fazendo há algum tempo, na verdade, é a única pergunta que elas devem fazer, a pré-condição para que encontrem uma voz para falar, ou elas permanecerão faladas nas palavras dos homens.
64	Phrased variously as: how to write at all if one is a woman confronted with a literary institution which would silence her, and how to write the difference explicit in her sexuality into the text when her very femaleness signals her status as object not subject"- these questions are now being raised by feminist critics who are reflecting aloud on what it means to read as a woman. ¹³ What is the implication of this difference in terms of our talking or writing about the work of women (or, for that matter, men) writers?	Formulada de várias maneiras: como escrever se alguém é uma mulher confrontada com uma instituição literária que a silenciaria, e como escrever a diferença explícita em sua sexualidade no texto quando sua própria feminilidade sinaliza sua posição de objeto e não de sujeito ¹² - essas questões estão sendo levantadas por críticas feministas que estão refletindo em voz alta sobre o que significa ler como mulher. ¹³ Qual é a implicação dessa diferença em termos de falarmos ou escrevermos sobre o trabalho das mulheres escritoras (ou, inclusive, dos homens escritores)?

65	If one engages in a different and differential reading of women's writing, what impact does this have on the practice of literary criticism, an activity carried out within the circles of academic and literary institutions?	Se alguém se dedica a uma leitura diferente e diferenciada da escrita feminina, que impacto isso tem na prática da crítica literária, uma atividade realizada nos círculos das instituições acadêmicas e literárias?
----	--	--

249	Notes	Notas
250	1 - In critical texts, the usual mode of intertextuality is quotation.	1. Em textos críticos, a forma mais comum de intertextualidade é a citação.
251	In this text, I have made use of allusion. The texts I am working with range from French feminist theory, Quebec literary practice and theory and general anglo-american feminist criticism.	Neste texto, fiz uso de alusões. Os textos com os quais estou trabalhando vão desde a teoria feminista francesa, a teoria e prática literária de Quebec e a crítica feminista anglo-americana em geral.
252	For a more detailed working out of the relationships between these differing groups, see my forthcoming "Mapmaking: A survey of Feminist Criticism," in <i>Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women</i> (Downsview: ECW, 1984).	Para um trabalho mais detalhado das relações entre esses diferentes grupos, veja meu texto "Mapmaking: A survey of Feminist Criticism", em "Critical Difference: Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women" (Downsview: ECW, 1984).
253	Here I am weaving them all together.	Aqui estou tecendo-os todos juntos.
254	Thanks to Daphne Read for her dialogue.	Obrigada a Daphne Read pelo diálogo.
255	2 - Before turning to the question of critical theory we might well pause a moment to consider the issue of feminism.	2. Antes de nos voltarmos para a questão da teoria crítica, podemos fazer uma pausa para considerar a questão do feminismo.
256	What we mean by the term undoubtedly varies.	O que queremos dizer com o termo, sem dúvida, varia.
257	Generally, feminism is a movement and in so far as some of its followers have engaged in philosophical	De forma geral, o feminismo é um movimento e, enquanto alguns de seus seguidores se engajaram na análise filosófica, também deu origem à teoria.

	analysis it also gives rise to theory.	
258	In that it articulates the opinions and attitudes formed within a group in order to defend and promote its interests, feminism is the expression of the world-view of that social group, that is an ideology.	Na medida em que articula as opiniões e atitudes formadas dentro de um grupo para defender e promover seus interesses, o feminismo é a expressão da visão de mundo desse grupo social, ou seja, uma ideologia.
259	Intrinsic to feminism is women's sense of grievance, an awareness of oppression, an awareness that women suffer systematic social injustice because of their sex.	Intrínseco ao feminismo é o senso de queixa das mulheres, uma consciência da opressão, uma consciência de que as mulheres sofrem injustiça social sistemática devido ao seu sexo.
260	This awareness depends on a belief in and commitment to the ideal of equality..	Essa consciência depende da crença e do compromisso com o ideal de igualdade.
261	Under this broad umbrella are to be found a variety of feminisms, differing in their analysis of the grounds for female oppression, of what constitutes the locus of reality for the female .	Sob esse amplo guarda-chuva encontram-se uma variedade de feminismos, diferindo em suas análises dos fundamentos da opressão feminina, do que constitui o locus da realidade para a mulher.
262	Does oppression originate in social conventions and legal systems which can be changed by reforming the laws and educating the young to overcome gender bias?	A opressão se origina em convenções sociais e sistemas jurídicos que podem ser alterados com a reforma das leis e a educação de jovens para superar o preconceito de gênero?
263	Or is the oppression biological in origin, rooted in sex differences and eternally immutable?	Ou a opressão é de origem biológica, enraizada nas diferenças sexuais e eternamente imutável?
264	Is the oppression privatized, psychological, its genesis in the basic impulses and instincts of the Oedipal phase important for the separation, the difference, that forms the subject, developmental process from	A opressão é privatizada, psicológica? Sua gênese nos impulsos e instintos básicos da fase edípica é importante para a separação, a diferença que forma o sujeito, o processo de desenvolvimento do qual as mulheres — indiferenciadas de suas mães, por natureza — são excluídas?

	which females undifferentiated from their mothers, from nature- are excluded?	
265	Does this exclusion then perpetuate itself in the symbolic systems and language of our culture, or do these systems and this language "speak" us out of them, because they have been formed and perpetuated in male institutions?	Essa exclusão então se perpetua nos sistemas simbólicos e na linguagem de nossa cultura? Ou esses sistemas e essa linguagem nos "falam" deles, já que foram formados e perpetuados em instituições masculinas?
266	Or is this oppression grounded in the material conditions of our economic system where capitalism has appropriated woman's labour whether inside or outside the home, reified her, made her a commodity?	Ou essa opressão está fundamentada nas condições materiais de nosso sistema econômico, onde o capitalismo se apropriou do trabalho da mulher dentro ou fora de casa, reificou-a e transformou-a em mercadoria?
267	The replies to this question about the Real have given rise to the various current streams of feminism which have taken divergent courses.	As respostas a essa pergunta sobre o que é verdade deram origem às várias correntes feministas atuais que tomaram rumos divergentes.
268	One has confronted the issue of dominance. seeking for women the rights and privileges normally held by men in society.	Alguém confrontou a questão do domínio, buscando para as mulheres os direitos e privilégios normalmente detidos pelos homens na sociedade.
269	This has been the tactic of both liberal reformers with their call for Equal Rights and Marxists with their subordination of women's struggle to the broader class struggle against capitalism.	Essa tem sido a tática tanto dos reformadores liberais com seu apelo por direitos iguais quanto dos marxistas com sua subordinação da luta das mulheres à luta de classes mais ampla contra o capitalismo.
270	An opposing stream of radical feminism, socialist feminists and lesbian feminists, has sought for women a special status which would be equally valued.	Uma corrente diferente do feminismo radical, por meio das feministas socialistas e das feministas lésbicas, buscou para as mulheres uma posição especial que seria igualmente valorizada.

271	Attempting to define the specificity of women, they emphasize the fact of difference.	Tentando definir a especificidade das mulheres, elas enfatizam o fato da diferença.
272	For a Canadian version of this latter see Angela Miles and Geraldine Finn's <i>Feminism in Canada From Pressure to Politics</i> (Montreal: Black Rose, 1983).	Para uma versão canadense sobre esse assunto, veja "Feminism in Canada From Pressure to Politics", de Angela Miles e Geraldine Finn (Montreal: Black Rose, 1983).
273	3 - Roland Barthes.	3. BARTHES, Roland.
274	"History of Literature?" in <i>On Racine</i> . trans.	História ou Literatura? Sobre Racine .
275	Richard Howard (New York: Hill& Wang, 1964), p. 163	Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 199.
276	4 - Margaret Atwood, <i>Power Politics</i> (Toronto: Anansi, 1972). p. 31. (<i>Políticas de Poder</i>)	4. ATWOOD, Margaret. Políticas do Poder: Poemas . Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.
277	5 - Dale Spender, <i>Man Made Language</i> (London: Routledge & Kegan Paul, 1980), p. 19.	5. SPENDER, Dale. Man Made Language . London: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 19.
278	6 - Percy B. Shelley.	6. SHELLEY, Percy B..
279	<i>A Defence of Poetry</i> (1821).	A Defence of Poetry . 1821.
280	7 - Plato, <i>The Republic</i> . / Platão, <i>A República</i>	7. PLATÃO. A República .
281	8 - Samuel N. Kramer, <i>Sumerian Mythology</i> (Rev. ed.	8. KRAMER, Samuel N. Sumerian Mythology . rev. ed. New York: Harper, 1961. p. 93, 95.
282	New York: Harper, 1961), pp. 93 and 95, also Merlin Stone, <i>When God Was a Woman</i> (New York: Harcourt, Brace, Janovich, 1976).	STONE, Merlin. When God Was a Woman . New York: Harcourt, Brace, Janovich, 1976.
283	9 - While it is a heavy burden to place on a single Atwood poem, to develop my thesis on her view of power politics, this doesn't distort her view of language.	9. Embora seja um fardo pesado para ser colocado em um único poema de Atwood, ao desenvolver minha tese sobre sua visão sobre as políticas de poder, isso não distorce a visão da autora sobre a linguagem.
284	Generally, she is suspicious of the word and locates truth or meaning in gesture not word.	De forma geral, ela desconfia da palavra e localiza a verdade ou o significado no gesto, não na palavra.

285	I have been working at greater length on this subject in "Dream of a Common Language: Atwood and Brossard."	Tenho trabalhado mais detalhadamente sobre esse assunto em "Dream of a Common Language: Atwood and Brossard".
286	10 - Sheila Rowbotham, Woman's Consciousness.	10. ROWBOTHAM, Sheila. Woman's Consciousness,
287	Man's World (Harmondsworth: Penguin, 1973), pp. 32-33	Man's World. Harmondsworth: Penguin, 1973. p. 32-33.
288	11 - Margaret Laurence in Kroetsch, et. al., Creation (Toronto: New press, 1979), p. 63.	11. LAURENCE, Margaret. In: KROETSCH et. al. Creation. Toronto: New press, 1979, p. 63.
289	It is also a phrase of Nicole Brossard's found in These Our Mothers (Toronto; Coach House, 1983).	É também uma frase de Nicole Brossard, encontrada em "These Our Mothers" (Toronto; Coach House, 1983) e
290	L'Amèr (Montreal: Quinze, 1975).	"L'Amèr" (Montreal: Quinze, 1975).
291	12 - I am picking up here on the controversial issue of the female subject which follows from Jacques Lacan's suggestion that discourse is a grammar of the self.	12. Estou retomando aqui a polêmica questão do sujeito feminino que decorre da sugestão de Jacques Lacan de que o discurso é uma gramática do "eu".
292	The self or subject is split into a "je" or "ça" both participating in the production of discourse.	O "eu" ou sujeito é dividido em um "je" ou "ça", ambos participando da produção do discurso.
293	While "je" produces discourse, "ça" speaking makes a latent signified perceptible through metaphor and results in the discovery of signification.	Enquanto o "je" produz o discurso, a fala do "ça" torna um significado latente perceptível por meio da metáfora e resulta na descoberta da significação.
294	Lacan's insistence on the primacy of the Oedipal complex in the split of the subject, in the development of the possibility of differential analysis, has seemingly excluded women from the production of discourse. (Écrits, Paris: Seuil, 1970) French feminists such as Luce Irigaray have attacked	A insistência de Lacan na primazia do complexo de Édipo na divisão do sujeito, no desenvolvimento da possibilidade de análise diferencial, aparentemente excluiu as mulheres da produção do discurso. (Écrits, Paris: Seuil, 1970). Feministas francesas como Luce Irigaray atacaram essa primazia do falo como significante, "falogocentrismo", e sugeriram outros

	this primacy of the phallus as signifier, "phallogo- centrism", and suggested other modes of female differentiation on which to found a grammar of the self.	modos de diferenciação feminina sobre os quais fundar uma gramática do "eu".
295	Irigaray imagines a female doubling in the two lips speaking, lips of the mouth or of the vagina in <i>Cesexe qui n'en est pas un</i> (Paris: Minuit, 1977), p. 26.	Irigaray imagina uma mulher se duplicando em dois lábios falantes, os lábios da boca ou da vagina, em " <i>Cesexe qui n'en est pas un</i> " (Paris: Minuit, 1977, p. 26).
296	She advocates a serial concept of difference rather than a binary one that results in hierarchies.	Ela defende um conceito variado de diferença em vez de um conceito binário que resulta em hierarquias.
297	Julia Kristeva offers another model in the female body doubling and splitting in pregnancy. (" <i>Women's Time</i> " trans. by Alice Jardine, <i>Signs</i> , 7, 1 (Autumn 1981), pp. 13-35).	Julia Kristeva oferece outro modelo de duplicação e divisão do corpo feminino durante a gravidez (KRISTEVA, Julia. <i>Women's Time</i> . <i>Translated by Alice Jardine</i> . <i>Signs</i> , Vol. 7, No 1. Autumn, 1981, p. 13-35).
298	Nicole Brossard offers another version in <i>These Our Mothers</i> (Toronto, 1983) in the separation of the child from the mother's breast.	Nicole Brossard oferece outra versão em " <i>These Our Mothers</i> " (Toronto, 1983) por meio da separação da criança do seio da mãe.
299	13 - See for example Judith Fetterley.	13. Veja, por exemplo,
300	<i>The Resisting Reader</i> (Bloomington: Indiana University Press, 1978) Also Lorraine Weir, "Towards a Feminist Hermeneutic." forthcoming in <i>Critical Difference Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women</i> (Downsview: ECW, 1984).	" <i>The Resisting Reader</i> " de Judith Fetterley (Bloomington: Indiana University Press, 1978). Também, "Towards a Feminist Hermeneutic", de Lorraine Weir, em " <i>Critical Difference Feminist Approaches to the Writing of Canadian and Quebec Women</i> " (Downsview: ECW, 1984).